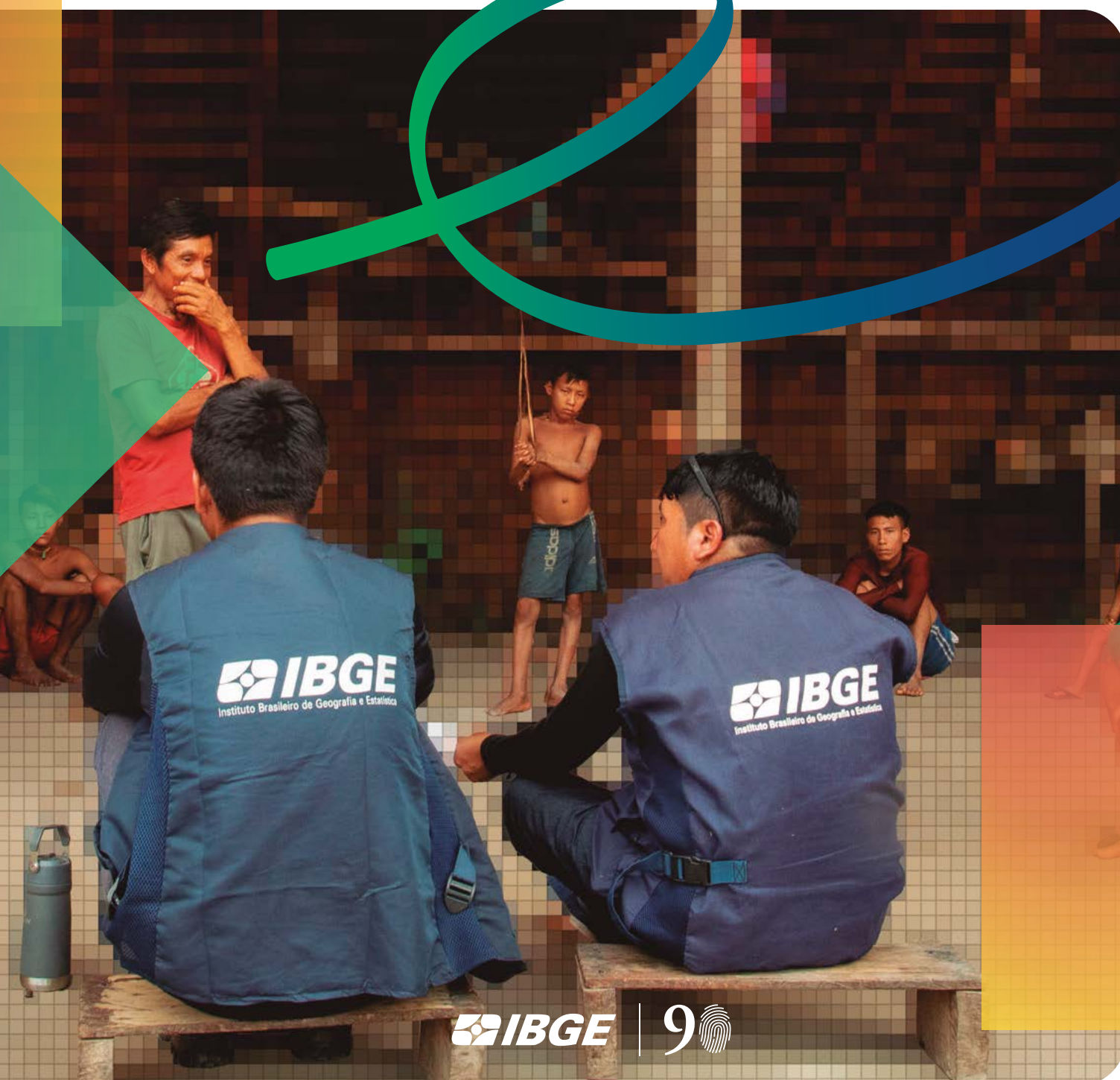


Casa Brasil Ibge



Meu Brasil, nosso IBGE

IBGE chega aos 90 anos, exaltando o passado e construindo o futuro das Geociências e da Estatística no país

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra do Planejamento e Orçamento
Bruno Moretti

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Marcio Pochmann

Diretora-Executiva
Flávia Vinhaes Santos

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas
Gustavo Junger da Silva

Diretoria de Geociências
Maria do Carmo Dias Bueno

Diretoria de Tecnologia da Informação
Marcos Vinícius Ferreira Mazoni

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações
José Daniel Castro da Silva

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Jorge Abrahão de Castro



Revista n. 5 | mai 2026

Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Ministério do Planejamento e Orçamento, Governo Federal.

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações - CDDI

Editor-executivo
José Daniel Castro da Silva

Concepção
José Daniel Castro da Silva
Jorge Gonzaga dos Santos
Emerson Matosino Ferreira Dias
Mauro Emílio Araújo
Marcos Balster Fiore Correia

NESTA EDIÇÃO:

Redação

Adriana Gonçalves Saraiva
Ana Paula Davim
Débora Silva Costa
Leandro M. Malavota
Magno Lopes
Mario Almada Grabois
Marcos Filipe da Silva Sousa
Rose Maria Barros de Almeida da Silva
Sheila Machado de Assis Ferreira

Projeto Gráfico, Design e Diagramação

Antonio Albuquerque Guimarães Neto
Hiago Cleldair da Silva Martins
Ivo Mello Moraes
Rodrigo de Oliveira Paiva e Silva

Capa

Antonio Albuquerque Guimarães Neto
Hiago Cleldair da Silva Martins
Ivo Mello Moraes
Rodrigo de Oliveira Paiva e Silva

Imagens e Vídeos

Adriano Monteiro Marques de Souza
Eryka Silva
Fernanda Greppe
Gabriella Carmo
Guilherme Gnipper
Licia Rubinstein
Luiza Gomes Freire
Marina Guerra
Pablo Félix de Paiva
Romulo de Carvalho Brito
Thiago Antunes Caetano Alves

Imagens Históricas

Acervo da Memória do IBGE

Atividade educativa

IBGEeduca

Divulgação Digital

Lorenzo Mello

Impressão

Gráfica Digital do IBGE | Av. Brasil, 15671,
Parada de Lucas. Rio de Janeiro, RJ
Sobre papel offset 100g/m².

Permitida a reprodução das matérias, imagens e ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.

Em algumas fotografias desta edição, inclusive na imagem de capa, foi aplicado o efeito de "pixelização" em parte da imagem, integrando-a, assim, à linguagem da campanha dos 90 anos do IBGE.

Críticas, sugestões e comentários:
cbibge@ibge.gov.br.

Carta do Presidente

Celebrar os 90 anos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é celebrar uma história profundamente entrelaçada à própria construção do Brasil moderno. Ao longo de quase um século, o IBGE tem sido responsável por produzir, com rigor técnico, autonomia científica e compromisso público, as informações estatísticas e geocientíficas que permitem ao País se conhecer, planejar seu desenvolvimento e fortalecer a democracia.

Esta edição comemorativa da Revista Casa Brasil IBGE foi concebida como um convite à memória, à reflexão e ao futuro, ao revisitar o percurso histórico do Instituto, as diferentes fases que marcaram a consolidação do IBGE como uma instituição de Estado, reconhecida nacional e internacionalmente pela excelência na produção de estatísticas oficiais e informações sobre o território brasileiro. Poucas instituições públicas no País alcançam tamanha longevidade mantendo, ao longo do tempo, a confiança da sociedade e o reconhecimento técnico de seus pares.

A revista também destaca um marco fundamental deste ano simbólico: o lançamento do Plano de Trabalho do IBGE para 2026. Mais do que um instrumento de planejamento, o Plano expressa o esforço coletivo de mais de 11 mil trabalhadores diretos e indiretos, que, ano após ano, garantem a continuidade e a inovação das pesquisas estatísticas e geocientíficas.

Outro eixo central desta edição é a expansão das Casas Brasil IBGE, espaços que simbolizam a aproximação do Instituto com a sociedade. Mais do que estruturas físicas, as Casas Brasil IBGE são ambientes de encontro, educação e diálogo, onde os dados oficiais se transformam em

conhecimento acessível, promovendo cidadania, transparência e uso qualificado da informação pública.

A revista dedica especial atenção às histórias de quem faz o IBGE acontecer, especialmente aqueles que atuam nas Superintendências estaduais e nas Agências municipais, revelam o cotidiano do trabalho de campo, a diversidade de realidades enfrentadas e o compromisso com a missão institucional. É nessas unidades descentralizadas que o planejamento estratégico se materializa em dados, onde a escuta atenta da população se converte em informação de interesse público.

Esta edição especial da Revista Casa Brasil IBGE reafirma, portanto, o compromisso do Instituto com a precisão científica, a valorização de seus servidores, a coesão institucional e a defesa da informação oficial como bem público. Que esta publicação seja não apenas uma celebração dos 90 anos do IBGE, mas também um convite à sociedade brasileira para reconhecer o valor das estatísticas e das geociências na construção de um país mais justo, informado e democrático.

Marcio Pochmann
Presidente do IBGE

Carta da redação

Nesta edição comemorativa da Revista Casa Brasil IBGE, celebramos com orgulho os 90 anos do IBGE, uma trajetória marcada pela produção de informações essenciais para o desenvolvimento do Brasil. Para registrar essa data tão significativa, reunimos nesta revista conteúdos que refletem conquistas, desafios e perspectivas que continuam guiando a Instituição rumo ao futuro.

"Meu Presente Nosso Futuro"

E falando em futuro, esta edição traz um panorama dos principais eventos de lançamento do Plano de Trabalho do IBGE para 2026, que mobilizou equipes, parceiros e a sociedade para apresentar diretrizes, metas e ações que orientarão as entregas do Instituto ao longo do ano.

Em seguida, convidamos o leitor a uma viagem pela história do Instituto em nossa matéria especial, que apresenta as origens do IBGE, suas diretorias e os caminhos que se desenham para o futuro. Uma narrativa que reforça a importância da Instituição como referência nacional e internacional na produção de informações oficiais.

"Meus Dados Nossa Soberania"

Trazemos também uma reportagem dedicada à chegada de mais um grupo de novos servidores oriundos do Concurso Público Nacional Unificado (CPNU), que

ampliam o quadro institucional e trazem novas perspectivas, conhecimento e energia para a continuidade da missão do IBGE e os desafios que se renovam.

"Meu Desafio Nossos Sonhos"

Outro destaque desta edição é a matéria sobre as Superintendências Estaduais e Agências do IBGE nos municípios, espaços onde a presença territorial do Instituto ganha forma concreta e reforça essa capilaridade como um diferencial estratégico. Ali nascem e se consolidam as relações que permitem a coleta de dados, a articulação com parceiros locais e a proximidade com a população.

"Meu Brasil Nosso IBGE"

E como não poderia faltar, trazemos algumas atividades do IBGEeduca, exemplos do estímulo a estudantes, professores e famílias para conhecerem e utilizarem informações oficiais de forma criativa e acessível.

Encerramos esta edição desejando parabéns ao IBGE por seus 90 anos de dedicação ao Brasil. Que esta leitura inspire, informe e emocione. Boa leitura!

Sumário

06



Meu Brasil, nosso IBGE.

Instituto chega aos 90 anos, exaltando o passado e construindo o futuro das Geociências e da Estatística no país

22



Novos servidores trazem diversidade e experiência para o IBGE.

30



Protagonismo de quem faz a história acontecer.

Superintendências e Agências: elos que transformam a estratégia de planejamento em dados que retratam o Brasil

40



De Norte a Sul do Brasil, IBGE apresenta à sociedade Plano de Trabalho para 2026.

46



IBGE inaugura unidades da Casa Brasil na Bahia, Ceará e Pernambuco.

Ampliando sua presença com espaços de cidadania e conhecimento

52



IBGEeduca

Quer saber um pouco mais sobre o nosso País? Então siga o Pedro e a Bel, amigos do IBGEeduca, que vão te levar nessa jornada de conhecimento.

Meu Brasil, nosso IBGE

Instituto chega aos 90 anos, exaltando o passado e construindo o futuro das Geociências e da Estatística no país

Marcos Filipe Sousa

De mapas em papel a bases digitais integradas, de pranchetas em campo a modelos de inteligência artificial, os 90 anos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) contam a história de um país que aprendeu a se enxergar, e que agora é convidado a imaginar, junto com o Instituto, os próximos passos dessa jornada.

O Brasil aprendeu a se olhar pelos números do IBGE. Desde o primeiro Censo a tablets em campo, da cartografia em papel aos dados geoespaciais de alta resolução, a história do Instituto confunde-se com a capacidade do país de se reconhecer e se projetar. Em 2026, quando celebra 90 anos, o IBGE transforma o jubileu em um amplo convite à sociedade: revisar o legado, vivenciar experiências culturais e científicas e, sobretudo, imaginar o que vem pela frente.

Em nove décadas, o IBGE consolidou uma reputação rara: a de referência internacional em Estatísticas Oficiais e Geociências. Séries históricas que atravessam gerações, métodos comparáveis aos padrões internacionais, documentação transparente, acervo geoespacial robusto e capacidade técnica reconhecida em fóruns multilaterais compõem um patrimônio imaterial de valor incalculável.

O Instituto tornou-se, ao mesmo tempo, guardião da memória estatística do Brasil e laboratório de modernização para o país. O resultado é um organismo que combina tradição e vanguarda, com um ativo cada vez mais central no século XXI: confiança pública.

"A história do IBGE é marcada por conquistas institucionais decisivas. Desde sua formalização, ainda na década de 1930, o Instituto construiu um arcabouço sólido baseado em dois pilares fundamentais: a autonomia técnica e o sigilo estatístico. Esses princípios garantiram credibilidade, continuidade e comparabilidade às informações produzidas. Outro marco importante foi a ampliação do escopo das pesquisas ao longo do século XX, com a consolidação dos Censos Demográficos, das pesquisas amostrais, do acompanhamento da inflação, das contas nacionais e do mapeamento sistemático do território brasileiro. Mais recentemente, destacam-se a integração entre estatísticas e geociências, o reconhecimento formal do IBGE como Instituto de Ciência e Tecnologia e a valorização da presença territorial por meio das superintendências, agências e das Casas Brasil IBGE, que aproximam ainda mais o Instituto da sociedade."

Marcio Pochmann

A década que se abre aponta para um salto qualitativo. Em destaque, a integração entre dados estatísticos e geoespaciais, que permitirá a análise de fenômenos sociais e econômicos em sua dimensão territorial, do nível nacional ao bairro, da floresta à cidade, do curso d'água ao domicílio. Esse casamento entre tabelas e mapas amplia a potência analítica, tornando diagnósticos mais precisos e políticas públicas mais bem calibradas.



O efeito combinado é a redução de custos, aceleração da produção de resultados e melhoria da qualidade. Em paralelo, a prioridade transversal é clara: transparência e acesso público. Documentação aberta, APIs fortalecidas, catálogos pesquisáveis e visualizações interativas aproximarão ainda mais o cidadão dos números que ajudam a explicar o país.

"O IBGE se prepara para o futuro a partir de planejamento, diálogo institucional e inovação. O Plano de Trabalho 2026, apresentado nacionalmente, é um exemplo concreto desse esforço coletivo, ao definir prioridades, operações censitárias estratégicas e o fortalecimento do conjunto permanente de pesquisas estatísticas e geocientíficas. Paralelamente, avançamos na construção do Sistema Nacional de Geociências, Estatísticas e Dados (Singed), que permitirá integrar múltiplas fontes de dados, ampliar a capacidade analítica do Estado e responder aos desafios da Era Digital. Também estão em curso o novo Estatuto, o Regimento Interno e o Plano Geral de Informações Estatísticas e Geocientíficas (PGIEG 2026-2030), todos elaborados de forma participativa e transparente. Preparar o futuro, para o IBGE, significa investir em tecnologia, valorizar seus servidores, fortalecer a soberania dos dados e garantir que a informação oficial continue sendo um bem público acessível, confiável e essencial para a democracia brasileira."

Marcio Pochmann

A celebração dos 90 anos do IBGE busca envolver todo o país, unindo tradição e olhar para o futuro. A campanha comemorativa inclui um site oficial, mantém elementos visuais históricos do Instituto, como cores, tipografias e símbolos reconhecidos, mas incorpora uma releitura voltada para a Era Digital, refletindo o papel crescente das tecnologias da informação na produção de dados.

O conceito de digital aparece tanto como referência aos dígitos que compõem estatísticas quanto à ideia de identidade, evocada pela digital humana. Assim como impressões digitais identificam indivíduos, os dados produzidos pelo IBGE ajudam a construir a identidade do Brasil. A campanha reforça esse propósito: mostrar que, ao agregar dígitos e informações, o Instituto contribui para o autoconhecimento da nação e para o desenvolvimento do país.

Em 4 de maio de 2026, foi realizado um seminário no Itamaraty para marcar 90 anos de atividades internacionais do IBGE representando o país, e está prevista uma celebração formal no Palácio do Planalto, para marcar a importância dos 90 anos do IBGE para o Brasil. Também será sugerida uma audiência pública em homenagem aos 90 anos do IBGE no Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal.

" Celebrar os 90 anos do IBGE representa, antes de tudo, reconhecer uma trajetória que se confunde com a própria história do Brasil moderno. Ao longo de nove décadas, o Instituto consolidou-se como uma instituição de Estado, responsável por produzir informações estatísticas e geocientíficas essenciais para que o País possa se conhecer, planejar políticas públicas e fortalecer a democracia. Essa celebração não é apenas uma comemoração do passado, mas um convite à sociedade para refletir sobre o valor da informação pública de qualidade, construída com rigor técnico, autonomia científica e compromisso com o interesse coletivo. Ao chegar aos 90 anos, o IBGE reafirma seu papel como referência nacional e internacional em estatísticas oficiais e geociências, sustentado pela confiança pública conquistada ao longo do tempo . "

Marcio Pochmann




Além de Brasília, o aniversário será celebrado em todas as Superintendências do IBGE nos estados, de forma colaborativa. Essa atividade será realizada por meio de um grande baile de gala, com registro de nove décadas de cultura e história, por meio da música e da reunião de servidores ativos, aposentados e da sociedade em geral. A organização se dará de forma coletiva e ocorrerá, se possível, em todas as Unidades da Federação, no mês de junho de 2026.

Serão realizados dois tipos de seminários, um tendo como tema "Meu Estado, Meu Brasil, Nosso IBGE", que terá como foco registrar os fatos mais importantes em nove décadas de história do IBGE em cada Unidade da Federação, o que será transformado em livro e documentário. O segundo formato de seminários terá como tema "Meu Brasil, Nossas Parcerias, Nosso IBGE", em que o objetivo é reunir os diversos parceiros do IBGE em 90 anos. Também será registrado em livro e documentário. A terceira atividade será a realização de audiências públicas em assembleias e câmaras para marcar homenagens ao IBGE.

Ainda para marcar essa data, o objetivo é gravar mais de nove mil depoimentos, em todas as Unidades da Federação, de servidores, aposentados e da sociedade sobre a importância do Instituto ao longo destes 90 anos. Registra-se que um dos pontos altos será o resgate da memória e da história por meio de pesquisas, em especial sobre períodos de ausência de democracia, o que resultará em uma exposição, um documentário e um livro.

O registro de aniversário será feito por meio de várias impressões de obras tradicionais, como o "Novo Atlas Milton Santos", mas também pela publicação de obras de registro dos 90 anos, por Estado, por década, por tema, de eventos relevantes, entre outros, sempre com o conceito de publicações multimídia. Além disso, haverá o resgate de revistas e periódicos que marcaram época. O objetivo é consolidar o eixo em que todas as publicações já nascem em um conceito digital multimídia.



Confira o site de celebração dos 90 anos do IBGE.



Quadro produzido pela Diretoria Geral de Estatística, representando as áreas dos estados, [s.d.]. Acervo IBGE.

A construção de um Brasil contado em números

Leandro M. Malavota e Mario Grabois

Antecedentes e criação do IBGE

No Brasil, iniciativas voltadas à organização dos serviços estatísticos foram tomadas desde os tempos do Império: a primeira instituição estatística oficial foi criada em 14 de janeiro de 1871, com o nome de Diretoria Geral de Estatística (DGE). O órgão foi incumbido da realização de recenseamentos da população (o primeiro ocorrido em 1872), elaboração de mapas de registros civis, organização de dados produzidos por outras repartições, bem como da formulação de planos estatísticos para as províncias.

Extinto em 1881, em razão de cortes orçamentários, foi restabelecido em 1890, já sob o regime republicano. Embora a

DGE, uma instância federal, tenha funcionado continuamente durante toda a Primeira República, as atividades estatísticas no período caracterizaram-se por uma estrutura descentralizada, contando cada estado com repartições e serviços próprios, baseados em práticas, metodologias e objetivos diversificados.

A partir do primeiro Governo do Presidente Getúlio Vargas, os esforços em prol de uma reorganização dos serviços estatísticos no país tornaram-se evidentes. Foram criados departamentos estatísticos em cinco ministérios, com a finalidade de promover a reunião e organização de informações produzidas por instâncias federais, estaduais e municipais. Após esse rearranjo inicial, as ações convergiram em direção a um arcabouço institucional de novo tipo, baseado na cooperação entre as unidades federativas e o Governo Federal.

O modelo teve como grande idealizador Mário Augusto Teixeira de Freitas, o principal expoente entre os fundadores do IBGE. De pronto bem-sucedida, a experiência encorajou o governo a apostar na solução interadministrativa como referência para a consecução de um Sistema Estatístico Nacional (SEN) .

Em 6 de julho de 1934 foi criado o Instituto Nacional de Estatística (INE), órgão federal incumbido de promover a articulação, racionalização e padronização dos serviços estatísticos no Brasil. Sua efetiva instalação, contudo, ocorreria cerca de dois anos depois, em 29 de maio de 1936, com a posse do primeiro presidente da instituição, José Carlos de Macedo Soares. Teixeira de Freitas, pessoa central nesse processo foi nomeado como seu Secretário-Geral. A autoridade legal e a organização administrativa do INE foram viabilizadas após a ratificação da Convenção Nacional de Estatística, em 11 de agosto de 1936, pela qual as unidades federativas aderiam voluntariamente a um sistema de informações estatísticas, aceitando a subordinação técnica de suas repartições a um órgão coordenador. A competência de promover a orientação e direção superiores das atividades do INE foi atribuída ao Conselho Nacional de Estatística (CNE), centro decisório do sistema que nascia.

O reordenamento do Estado brasileiro no período pós anos 1930 também demandava o avanço do conhecimento sobre o território nacional, o que envolvia a sua mensuração, descrição e controle. Assim como os dados estatísticos, as informações geográficas, cartográficas e geodésicas também eram tratadas como matérias-primas aplicadas ao processo de tomada de decisões e de políticas públicas.



Mário Augusto Teixeira de Freitas, [s.d.]. Autor desconhecido. Acervo IBGE.

Logo, em 24 de março de 1937, foi criado o Conselho Brasileiro de Geografia (CBG), órgão autônomo integrado ao INE, entre cujas responsabilidades destacavam-se a coordenação dos estudos sobre a Geografia do Brasil e a promoção da articulação dos serviços geográficos oficiais e privados. No ano seguinte, a instância receberia nova denominação, passando a se chamar Conselho Nacional de Geografia (CNG). O mesmo ato legal transformaria o INE em Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ratificando no próprio nome da autarquia a união entre ambos os campos.





Posse do primeiro presidente do IBGE, José Carlos de Macedo Soares, 29 de maio de 1936. Autor desconhecido. Fonte: Revista Fon-Fon, n. 23, 6 jun. 1936, p. 27. Acervo Biblioteca Nacional.

É importante salientar a natureza *sui generis* que o IBGE assumiu no momento de sua criação. Primeiramente, pelo fato de se constituir em uma autarquia federal diretamente vinculada à Presidência da República, diferentemente das demais, inscritas às estruturas dos ministérios. E por não atuar propriamente como uma instituição produtora de informações estatísticas e territoriais, e sim, coordenadora de dois sistemas de informações que deveriam funcionar de forma integrada. Tratava-se, portanto, de uma espécie de associação de órgãos correlatos, uma instância colegiada responsável pela organização, orientação técnica e formulação das diretrizes de funcionamento para serviços descentralizados, tipificados como essenciais aos interesses nacionais.

Censos, desenvolvimento e planejamento

Construídas as suas bases nos anos 1930, a década seguinte marcou um período de expansão e consolidação do IBGE. Em 1940, o órgão realizou seu primeiro Censo (Recenseamento Geral do Brasil 1940) em uma conjuntura marcada pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, na qual as informações estatísticas e territoriais

mostravam-se estratégicas aos imperativos da Segurança Nacional. A operação é considerada um marco na história das estatísticas nacionais, inaugurando um novo modelo de trabalho, com padrões metodológicos modernos que criaram condições para uma investigação mais detalhada sobre a realidade social do país.



José Carneiro Felipe, diretor do Serviço Nacional de Recenseamento de 1938 a 1948, [s.d.]. Autor desconhecido. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

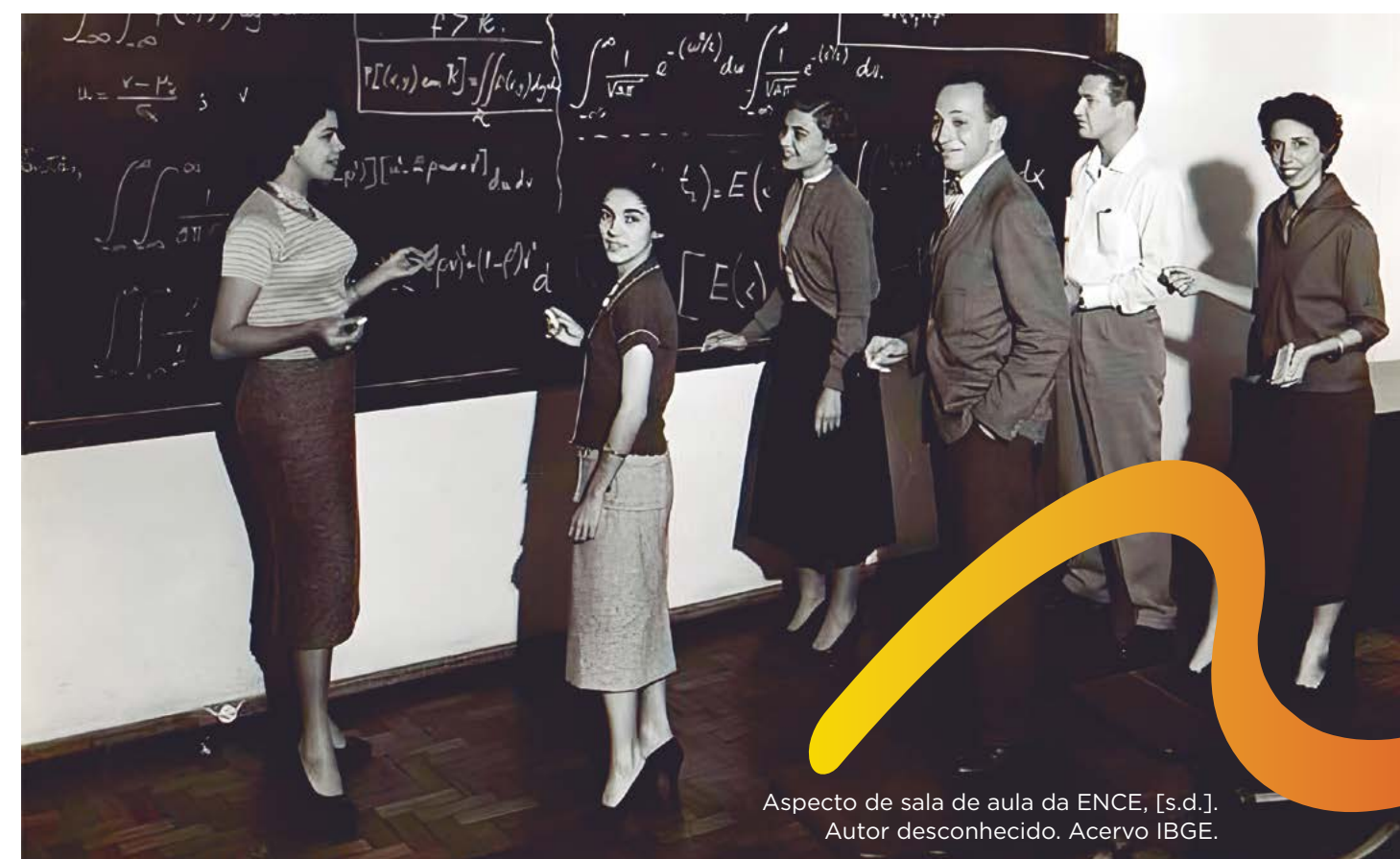
A partir de 1942, foram celebrados os Convênios Nacionais de Estatística Municipal, base para a criação das Agências Municipais de Estatística, repartições coletoras de informações. Em 1944, foram criadas as Inspetorias Regionais de Estatística Municipal, representações do IBGE em cada Unidade da Federação. Na mesma época, tiveram início as chamadas “expedições geográficas”, missões de pesquisa voltadas ao reconhecimento, descrição e estudo do território nacional. Outro destaque do período foi a estruturação do Sistema Geodésico Brasileiro (SGB), sob a liderança de Allyrio Hugueney de Mattos.

A partir de meados do século XX, o desenrolar do processo de industrialização e a progressiva diversificação da economia brasileira passaram a impor ao IBGE demandas cada vez mais volumosas por informações estatísticas, sobretudo as econômicas. Nesse contexto, ao longo dos anos 1950 e 1960 adensaram-se os debates sobre o IBGE e o Sistema Estatístico Nacional (SEN) para atender a essas novas exigências. Naquele período, o IBGE participou de inúmeros

debates e discussões visando sua inserção no grande processo nacional que procurava criar as bases para o desenvolvimento nacional, a partir do planejamento econômico e social. Contudo, as intervenções mais contundentes foram efetuadas ao fim dos anos 1960, sob impulso de uma reforma mais ampla da Administração Pública Federal.

Transformação em fundação

Em 13 de fevereiro de 1967, o IBGE foi transformado em uma fundação de direito público, com personalidade jurídica própria e independência administrativa e financeira. A Fundação IBGE nasceu composta por três órgãos autônomos: Instituto Brasileiro de Estatística (IBE); Instituto Brasileiro de Geografia (IBG); e Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE). Posteriormente, em 1971, seria ainda criado um quarto órgão, o Instituto Brasileiro de Informática (IBI), responsável pelo processamento dos dados necessários às atividades da instituição e pela automação do acesso a informações.



Aspecto de sala de aula da ENCE, [s.d.]. Autor desconhecido. Acervo IBGE.

Nos anos 1970, essa reforma estrutural foi ainda mais aprofundada, conferindo-se novo significado e funcionalidade à atuação do IBGE. Se desde a sua criação o órgão atuara como instância coordenadora de um sistema de informações, sob o novo modelo era transformado em agência produtora dessas mesmas informações.

Além da produção de estatísticas primárias — informações obtidas a partir do tratamento de respostas aos inquéritos feitos junto a pessoas ou organizações — a Fundação foi estruturada para a elaboração de estatísticas derivadas, isto é, aquelas geradas por agregação ou cruzamento de variáveis das estatísticas primárias e outras fontes de informação (indicadores e sistemas de referência).

Dentre os trabalhos desenvolvidos nessa nova fase institucional, destacaram-se o Censo de 1970 (Recenseamento Geral de 1970), a realização de pesquisas domiciliares por amostragem, a construção de um Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor, a criação de indicadores sociais, a elaboração de uma matriz insumo-produto (que sistematizou dados relativos aos principais fluxos reais verificados na economia nacional), além do lançamento de novos inquéritos sobre saneamento básico, extrativismo vegetal, agropecuária, indústria, comércio e serviços.

No campo das Geociências, a chamada “geografia quantitativa” ratificou a união entre os estudos geográficos e de planejamento. Também relevante foi a formação de uma área voltada a investigações sobre recursos naturais e meio ambiente, assim como a criação, em 1975, da Reserva Ecológica do Roncador — três anos depois renomeada Reserva Ecológica do IBGE —, concebida como uma unidade de conservação e pesquisa científica sobre o Bioma Cerrado.

Desafios em tempos democráticos

Com a restauração democrática, em 1985, o IBGE passou por novo processo de mudança. No início da Nova República, a fundação foi chamada a rediscutir seus princípios, funções e propósitos. Buscou-se implementar medidas voltadas à desburocratização de atividades, descentralização de decisões, modernização de processos e promoção de práticas de transparência. Emerge nesse momento um novo paradigma institucional, pautado na reconstrução das relações entre o órgão e a sociedade brasileira. A nova diretriz que, em boa medida, recuperava o espírito dos fundadores do IBGE que conferiam papel fundamental à disseminação e divulgação, estimulava a abertura de acervos e bancos de dados, permitindo aos cidadãos acesso mais amplo e ágil à informação produzida pelo Instituto. A missão do IBGE não se esgota na produção de informações estatísticas e territoriais, mas só se completa na medida em que elas chegam aos usuários e por eles são absorvidas, transformando-se em conhecimento sobre a realidade brasileira. Assim, a disseminação foi ratificada como atividade finalística do IBGE, sendo então criado o Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI).



Placa de orientação dentro da área da Reserva Ecológica do IBGE, [197-]. Autor desconhecido. Acervo IBGE



Agentes de Estatística do Paraná em frente à sede da Inspetoria Regional de Estatística Municipal do estado, 18 ago. 1960. Autor desconhecido. Acervo IBGE.

Nas últimas três décadas, os esforços institucionais têm se concentrado no atendimento das cada vez mais complexas demandas da sociedade brasileira por informações, sempre zelando por garantir a sua qualidade e credibilidade. Uma marca da atuação recente do órgão é a busca pela modernização de suas práticas de trabalho, lançando mão de novos recursos tecnológicos. A primeira versão do portal do IBGE na web foi lançada já em 1995, tornando a instituição uma das primeiras do país a adentrar no universo

digital. De lá para cá essas iniciativas têm sido intensificadas, por meio do desenvolvimento de novos bancos de dados e ferramentas de busca e acesso para os usuários, o uso de sistemas de georreferenciamento, a digitalização de acervos bibliográficos e documentais, a produção de conteúdos digitais diversos, além da inserção da instituição nas redes sociais. Em 2017, foi criada a Agência IBGE Notícias e o Instituto passou a produzir conteúdo jornalístico. Aos noventa anos, o IBGE segue firme em sua busca constante por excelência.

Diretorias projetam futuro mais moderno, integrado e dinâmico

Marcos Filipe Sousa

Diretoria de Geociências

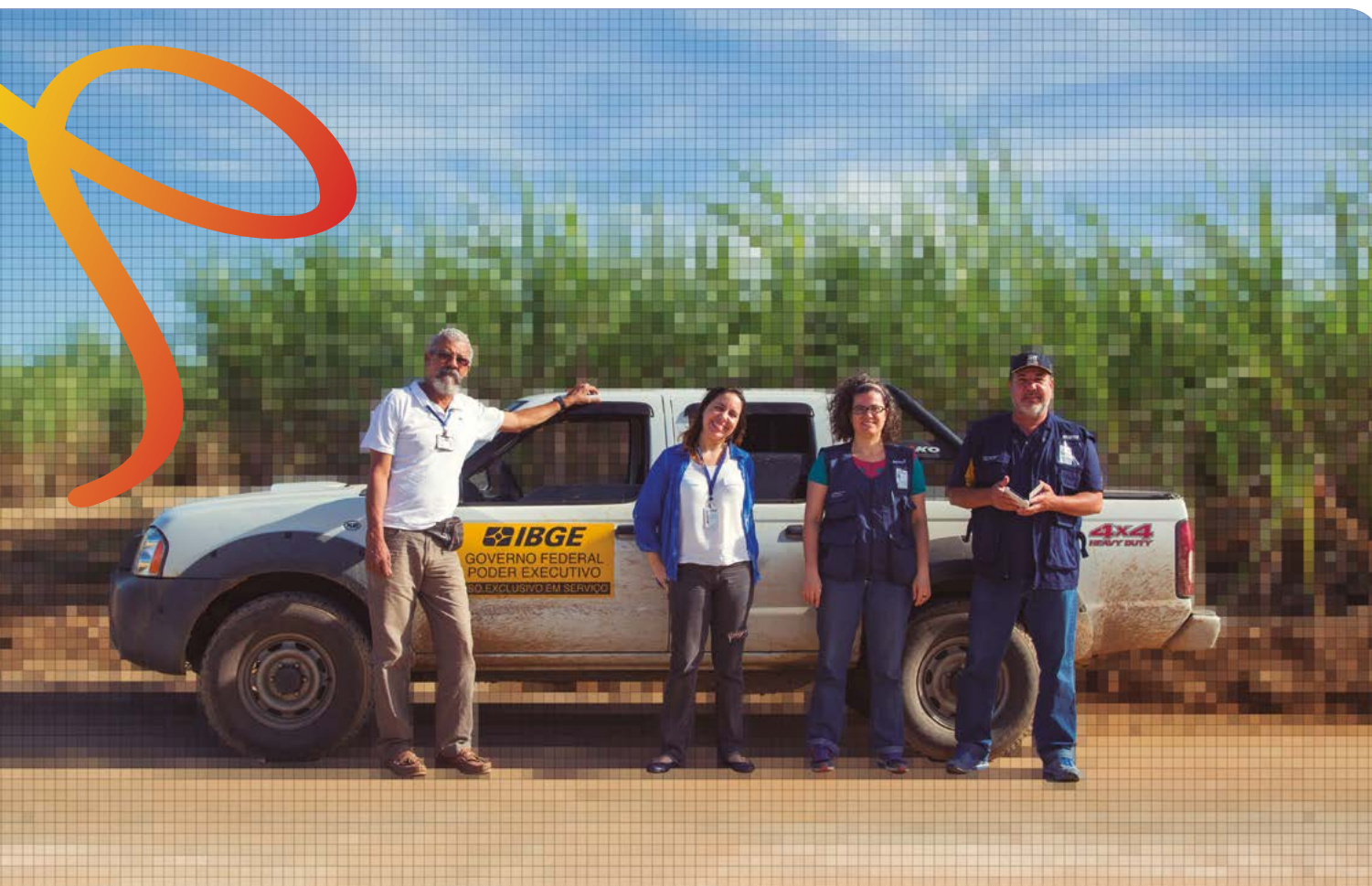
A Diretoria de Geociências (DGC) do IBGE, responsável por incorporar a dimensão territorial à missão institucional de retratar o Brasil, reafirma sua relevância quando o Instituto comemora 90 anos. Suas atribuições abrangem o planejamento, a coordenação e a execução de levantamentos geográficos, geodésicos, cartográficos e ambientais que sustentam a compreensão da realidade brasileira. A Geografia é o elo que conecta o dado à realidade.

Nos últimos anos, a DGC tem acompanhado a profunda transformação tecnológica nas Geociências, marcada pela transição do mapeamento estático para o monitoramento dinâmico. A adoção sistemática

de imagens dos satélites Sentinel e Landsat e o uso de sensores SAR, essenciais para mapear áreas de cobertura de nuvens como a Amazônia, ampliaram significativamente a capacidade de atualização cartográfica. Paralelamente, a modernização do SIRGAS2000 e a expansão da Rede Brasileira de Monitoramento Contínuo (RBMC) permitiram aprimorar a precisão do posicionamento em tempo real. Outro avanço relevante é a atualização do Modelo Geoidal, referência oficial de altitude no país. Somam-se a isso a aplicação de técnicas de *machine learning* e *deep learning* na classificação automática de imagens e a integração cada vez maior entre dados geográficos e estatísticos, que possibilita análises mais detalhadas sobre a dinâmica da população e suas características.

A DGC está mais moderna, integrada e preparada para os desafios tecnológicos e ambientais que já estão postos.

Equipe do IBGE a caminho da comunidade de Sobara. 2017, Araruama (RJ). Arte sobre foto de Licia Rubinstein.



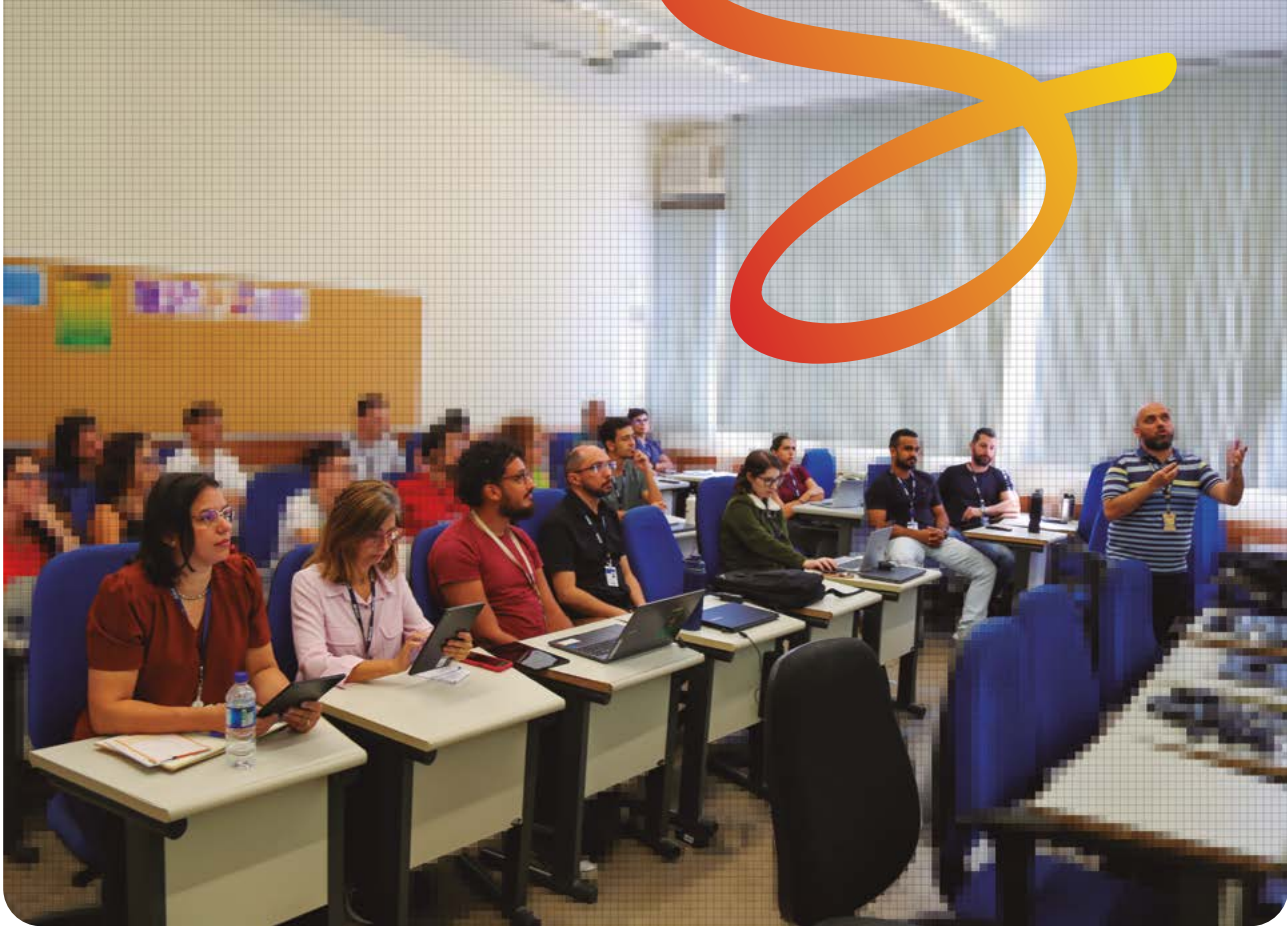
Recenseador em Aldeia Lagoinha, Sidrolândia (MS). 2022. Arte sobre foto de Jessica Cândido.

Diretoria de Pesquisas

Já a Diretoria de Pesquisas (DPE) desempenha um papel central na estrutura institucional, sendo responsável por planejar, organizar, coordenar e executar estudos e pesquisas estatísticas que abrangem dimensões demográficas, econômicas, sociais, ambientais e administrativas do país. A Diretoria tem como missão a própria missão do Instituto: retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento de sua realidade e ao exercício da cidadania.

A DPE conduz uma cadeia completa de macroprocessos: especificar necessidades, planejar, construir, coletar, processar, analisar, disseminar e avaliar, que culminam nas entregas disponibilizadas à sociedade. Essa engrenagem permite que o IBGE produza não apenas divulgações periódicas e estruturais, mas também estudos experimentais que exploram temas emergentes.

Os principais projetos e entregas da DPE para os próximos anos envolvem tanto o plano regular de produção estatística quanto iniciativas inovadoras. Entre as ações voltadas à infraestrutura estatística, métodos e qualidade, destacam-se a atualização do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) por meio do Sistema de Manutenção Cadastral (SIMCAD), do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), dos metadados, da Amostra Mestra, da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) e das classificações de ocupações, além da revisão das estações de qualidade e da publicação das estatísticas do CEMPRE. Já no sistema de pesquisas domiciliares, permanecem como pilares a PNAD Contínua, a Pesquisa de Orçamentos Familiares, a Pesquisa Nacional de Saúde e o levantamento sobre a economia informal urbana.



Escola Nacional de Ciências Estatísticas

A Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), unidade de ensino e pesquisa do IBGE, reafirma seu papel estratégico ao integrar formação acadêmica, pesquisa, extensão e capacitação. Responsável pela formação de profissionais e pesquisadores em Estatística, Demografia e Geociências, a Escola contribui diretamente para o fortalecimento técnico e científico necessário à produção e ao uso das informações oficiais do país. Essa missão sintetiza o compromisso permanente da ENCE com a construção e a disseminação do conhecimento: promover formação e atualização contínua é essencial para que o IBGE acompanhe os desafios contemporâneos da produção estatística e permaneça como referência nacional.

A ENCE mantém um conjunto robusto de projetos e entregas que abrangem ensino superior, pós-graduação, pesquisa aplicada e capacitação profissional. Entre suas principais responsabilidades estão o Bacharelado em Estatística e os programas de pós-graduação lato sensu, como a Especialização em Análise Ambiental e

Sala de aula na Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), no Rio de Janeiro (RJ). 2026. Arte sobre foto de Pablo Félix de Paiva.

Gestão do Território, e stricto sensu, com o Mestrado e o Doutorado em População, Território e Estatísticas Públicas.

A contribuição da Escola para as informações oficiais do país se materializa em diferentes frentes. Além de formar quadros qualificados e promover a capacitação contínua dos servidores do IBGE, a ENCE desenvolve pesquisas aplicadas que enriquecem metodologias, ampliam a compreensão sobre fenômenos sociais e aprimoram as práticas estatísticas. Seus treinamentos são fundamentais para a preparação da rede de coleta, impactando diretamente as pesquisas domiciliares, econômicas, agropecuárias e censitárias. Os projetos acadêmicos, por sua vez, exploram temas relevantes e inovadores, fortalecendo a consistência e a qualidade das estatísticas públicas. Para Jorge Abrahão, Coordenador-geral da ENCE, “a Escola tem uma influência decisiva no aprimoramento das informações oficiais, porque trabalha na base da formação, da capacitação e da pesquisa que sustenta metodologicamente o trabalho do Instituto”.

Diretoria-Executiva

A Diretoria-Executiva (DE) desempenha papéis essenciais para garantir a qualidade das pesquisas estatísticas e geocientíficas do IBGE. Estrutura as bases organizacionais, operacionais e humanas que permitem que as atividades finalísticas aconteçam de forma eficiente, segura e com alto padrão de excelência.

As coordenações da DE formam um eixo estruturante que sustenta a produção estatística e geocientífica do IBGE: a Coordenação de Planejamento e Gestão (CPG) garante o direcionamento estratégico e processual; a Coordenação de Recursos Humanos (CRH) assegura pessoas qualificadas e gestão responsável; a Coordenação de Recursos Materiais (CRM) viabiliza infraestrutura, suporte

operacional e condições adequadas de trabalho; e a Coordenação de Orçamento e Finanças (COF) faz o planejamento e gestão do orçamento do IBGE, garantindo os recursos necessários ao cumprimento do plano de trabalho da Instituição. A integração dessas quatro áreas permite que o Instituto realize suas pesquisas de forma organizada, confiável e alinhada às necessidades da sociedade.

Para os próximos anos, a diretoria tem como projetos unificar as diretorias em um só prédio, promovendo melhor utilização dos recursos e integração entre as áreas e aprimorar a governança da DE em toda instituição, incluindo as Superintendências. Diante das mudanças tecnológicas e novos desafios da instituição, a DE já busca se estruturar para garantir uma gestão mais integrada.



Reunião da Presidência e Diretoria-Executiva da ASSIBGE — SN. 2024. Arte sobre foto do Acervo do IBGE

Centro de Documentação e Disseminação de Informações/Coordenação de Comunicação Social (CDDI/CCS)

O Centro de Documentação e Disseminação de Informações/Coordenação de Comunicação Social (CDDI/CCS) vem, desde 2023, trabalhando pela integração das ações de comunicação, disseminação, memória e tecnologia, como a realizada na gráfica em Parada de Lucas, que reduziu custos, eliminou a dupla logística e certames licitatórios e aumentou a eficiência e os prazos de entrega, em nível nacional. Atualmente, a gráfica é responsável por um novo padrão na cultura de lançamentos de obras, sempre prontas antes da data prevista, bem como de produtos das pesquisas, como formulários e itens de sensibilização, sob coordenação única de uma logística nacional.

Outro destaque é a integração das áreas de design, texto e multimídia, o que possibilitou a criação do projeto Casa Brasil IBGE, com unidades em seis estados. Atualmente, o espaço recebe a maioria

dos eventos de divulgação, coletivas públicas, visitas, oficinas e reuniões de servidores, como o Diálogos, além de servir de suporte para coberturas especiais e trabalhos diversos, incluindo publicações e sites, entre outros produtos. Essas ações ocorrem por meio de uma disseminação mais integrada, com itens que aproximam o usuário da pesquisa, como sites mais visuais e com linguagem atrativa, a exemplo do Meu IBGE e do site da POF, entre outros.

Em ano especial de comemoração de seus 90 anos, o IBGE vem, desde 2023, elaborando uma estrutura para que essa celebração não seja apenas um ponto de chegada, mas também a criação de uma nova base para a comunicação e a disseminação. Esse processo inclui a efetivação do Birô, iniciativa que vem sendo testada ao longo de 2025 e que, desde 2026, conta com uma integração física. O Birô segue as premissas originais dos Institutos Nacionais de Estatística (INEs), que, em sua maioria, nascem com essa filosofia de demandas e entregas coletivas, e mantém relação técnica com a própria Era Digital, na qual a Comunicação está inserida.



Ação em escola no Ceará para o Censo de 2022. Arte sobre foto do Acervo do IBGE



Remessa do primeiro material para Goiás para o Censo de 1950. Arte sobre foto de Lacand Reportagens

Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI)

A missão da Diretoria de Tecnologia da Informação do IBGE é disponibilizar, da melhor forma possível, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) existentes para que as áreas setoriais e Superintendências Estaduais possam obter melhores resultados para o IBGE e, consequentemente, para a sociedade.

Também está entre as suas atribuições oferecer um panorama organizacional do IBGE em relação a tais tecnologias, indicando itens fundamentais ao tema, como prospecção, aquisição, incorporação, manutenção, descarte, treinamento técnico do pessoal, custos, planejamento da produção, listagem geral de projetos e suas intercessões com as Coordenações e Diretorias.

Em 2026, a atuação será estratégica para garantir que as operações censitárias e as pesquisas estatísticas do Instituto sejam realizadas com excelência, segurança e inovação.

Essa gestão é realizada formalmente, no IBGE, desde 2010, por meio do seu Plano Diretor de Tecnologia de Informação e Comunicação (PDTI), documento atualizado regularmente e disponibilizado no portal do IBGE. A organização desse trabalho segue as determinações e melhores práticas do Órgão Central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP) do Governo Federal (atualmente, a Secretaria de Governo Digital do MGI), bem como da Controladoria-Geral da União (CGU), do Tribunal de Contas da União (TCU) e do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República - GSI/PR.

Novos servidores trazem diversidade e experiência para o IBGE

Ana Paula Davim



Erick de Sena - Desenvolvedor/TI e Athila Borges - Estatístico. Foto: Thiago Antunes

Aprovados na segunda convocação do Concurso Público Nacional Unificado (CPNU), os novos servidores do IBGE levaram pouco mais de dois meses entre a nomeação e a entrada em exercício, em fevereiro. Quase metade deles será lotada na Sede nacional do Instituto, no Rio de Janeiro, onde há maior oferta de cargos. Com o novo formato do certame, a pluralidade dos “ibgeanos” ampliou-se ainda mais: os servidores chegam trazendo diferentes idades, formações, origens e experiências, enriquecendo a história da Instituição.

Amigos da faculdade e aprovados na mesma cidade

Durante o Programa de Integração dos Novos Servidores (PINS), realizado na Casa Brasil IBGE do Rio de Janeiro, a Revista conheceu histórias singulares, como a dos amigos Erick de Sena e Athila Borges. Naturais de Cuité (PB), eles compartilham coincidências desde cedo: seus pais foram colegas de trabalho e se tornaram amigos. Apesar disso, os dois só se conheceram na graduação, em outra cidade.

Alunos da Universidade Federal de Campina Grande, estudaram juntos e ainda

estavam concluindo os cursos quando prestaram a prova do CPNU. Erick relembra que foi incentivado por Athila a investir nos estudos para concursos públicos, e ambos foram surpreendidos pela segunda convocação do CPNU. A mudança repentina trouxe também uma boa surpresa: “A gente não sabia (da aprovação) um do outro, mas os nossos pais sabiam. Aí a gente soube pelos nossos pais”.

Athila relata que reencontrar o colega no evento de boas-vindas da Sede, na capital fluminense, foi motivo de alegria: “Quando eu cheguei ali, sentei e vi que ele estava ao lado. Foi uma receptividade calorosa no sentido de ter rostos familiares. Um contrerrâneo, no mesmo local de trabalho que eu, no mesmo ambiente. Eu não tenho família aqui, ele não tem. Agora a gente vai ter um apoio ali se precisar. A gente já falou, ‘vamos lavar a mão do outro que estiver precisando, ajudar, vai ser assim’”.

Esse espírito de colaboração tem sido comum entre os novos servidores: grupos de WhatsApp, dicas e suporte na adaptação. Erick e Athila, também, receberam auxílio de outro colega de faculdade, empossado na primeira convocação, em julho de 2025. “Ele já ajudou a gente. O local que eu escolhi para morar no Rio de Janeiro já foi próximo a esse outro colega, o que facilita”, contou Erick.

Núcleos da sigla e destino dos sonhos

A carioca Maria Clara Celestino faz questão de destacar o quanto se sente realizada por ingressar no IBGE. Formada em Geografia, a nova servidora identifica no cargo atual a oportunidade de contribuir e aplicar sua experiência como pesquisadora acadêmica e como servidora em outras instituições: “Eu sou apaixonada pelo serviço público! Comecei na educação em redes públicas municipais, e depois, graças ao CPNU, tive a minha experiência no serviço público federal, na área de

reforma agrária, trabalhei com população quilombola. Agora, no IBGE, mais uma chance de trabalhar com populações tradicionais, estou muito feliz”.

Lotada na Diretoria de Pesquisas, Maria Clara chega com fôlego renovado e disposição para colaborar com a instituição: “Minha expectativa é trazer essas contribuições para o povo brasileiro, de ver de fato esse retrato, de me entender enquanto parte desse povo também, das nossas expectativas para o nosso país a longo prazo”.

“Eu acho que todo geógrafo sonha em trabalhar um dia no IBGE, então a gente tem aquela primeira experiência de campo, que algum professor leva a gente: ver aquele espaço cheio de mapas, cheio de pessoas de fato ali empenhadas em conhecer o Brasil [...] parece que estou em casa”

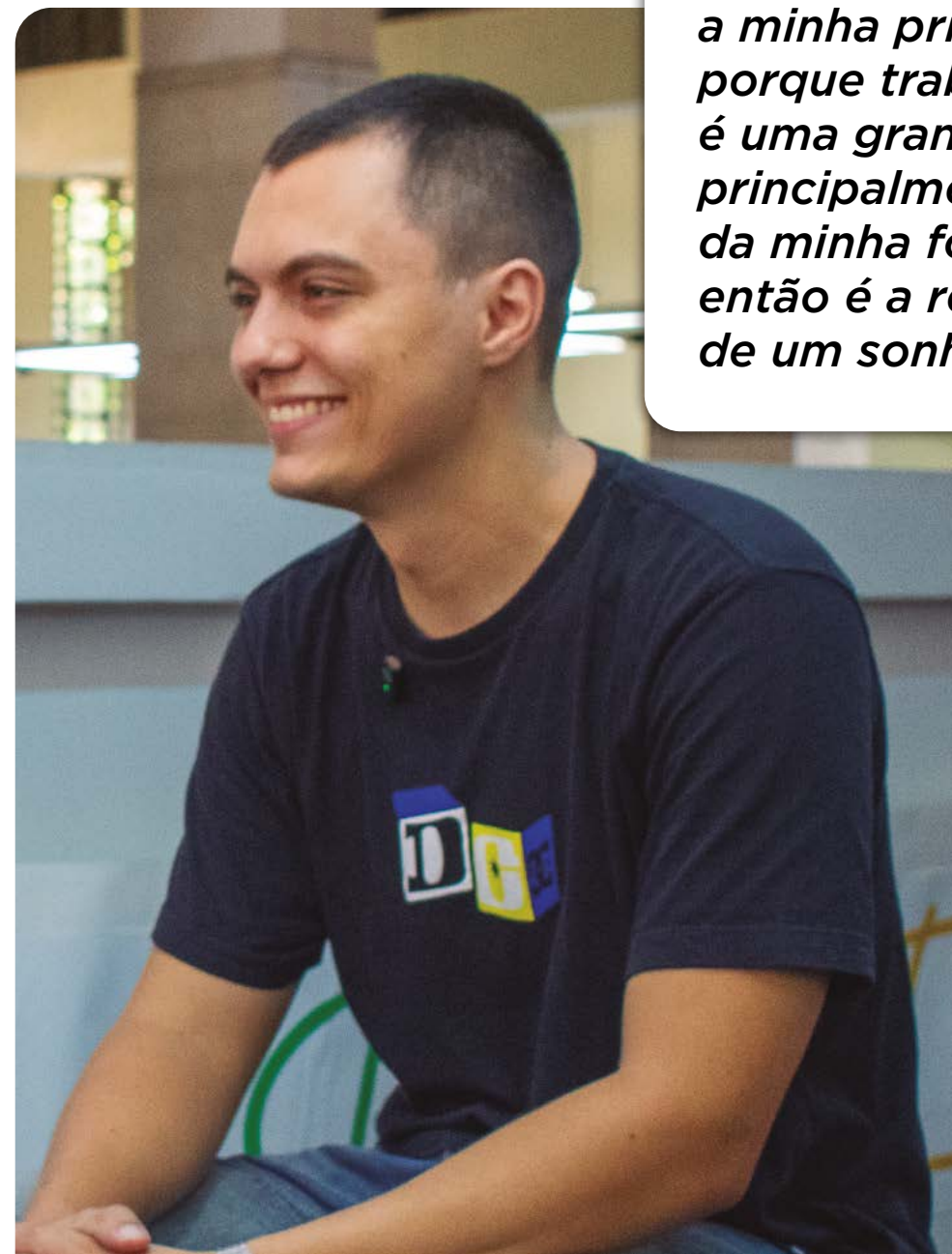
Maria Clara Celestino
Geógrafa
Foto: Romulo Brito



Empolgação semelhante demonstrou Bruno Souza Melo, mineiro formado em Estatística. Natural de Uberlândia, ele conta que realizou a prova no último ano da graduação, em 2024, e passou o ano seguinte aguardando a segunda convocação com ansiedade. Sua preferência pela instituição, no entanto, já vinha de longa data: “Eu já admirava muito o IBGE antes mesmo de entrar na Estatística, durante o ensino médio, eu sempre admirei muito as pesquisas, toda a questão do Censo, e, assim que eu entrei na graduação, foi quando eu me apaixonei de verdade, e essa paixão só aumentou no decorrer da minha graduação”.

Assim como Maria Clara, Bruno chega ao Instituto cheio de expectativas positivas. “A área que eu mais me identifico dentro da Estatística é justamente essa Estatística voltada para a administração pública [...] poder aplicar tudo o que eu aprendi durante a minha graduação e ter essa chance de fazer parte e atuar de maneira a gerar impacto na vida das pessoas e trazer uma melhora para a sociedade com essas informações que o IBGE gera no dia a dia”, refletiu.

“O IBGE era 100% a minha prioridade, porque trabalhar aqui é uma grande honra, principalmente vindo da minha formação, então é a realização de um sonho.”



Bruno Souza Melo -
Estatístico.
Foto: Hiago Martins

Vagas além da sigla

Devido à robustez da Instituição, o concurso para provimento de cargos no IBGE contemplou diferentes áreas de formação - uma surpresa positiva para profissionais que sonhavam com o serviço público, mas nem sempre encontravam oportunidades em certames voltados à sua especialidade.

Foi o caso de Aline Nakata, formada em Design pela Universidade de Brasília (UnB) em 2023. “E Eu não estava trabalhando como servidora, mas trabalhei em órgão público”, contou. A experiência despertou nela o desejo de efetivação, e o IBGE surgiu como oportunidade de explorar suas habilidades: “Eu gosto muito dessa área de visualização gráfica de informação”.



Aline Yumi Gomes Nakata - Designer.
Foto: Thiago Antunes

A prova do CNPU foi o primeiro concurso que Aline prestou. “Fiz quatro concursos depois, mas geralmente para designer tem uma única vaga, é meio complicado”. Nesse intervalo, em que buscava participar do maior número possível de seleções na sua área, veio a convocação do IBGE: “Desde então, muita coisa na minha vida mudou. Mas acho que não vai ser um desafio muito

longe do que eu já estou acostumada. E eu espero que muitos sonhos também sejam realizados”, pontuou a nova servidora.



Augusto Valentini Schmitt - Tradutor.
Foto: Thiago Antunes

Outro novo ibgeano que relatou entusiasmo ao ver a oferta de vagas foi o gaúcho Augusto Valentini Schmitt: “Eu já admirava o IBGE, mas sem conhecer muito internamente. Quando abriu o CPNU, eu vi que tinha uma vaga na minha área de Letras, especialmente em tradução, que é onde eu trabalho há quase 10 anos. Combinou tudo o que eu queria numa coisa só”.

Augusto já está acostumado ao serviço público, tendo atuado em outras carreiras ligadas à sua formação em Letras, em seu estado de origem. “A família inteira sempre foi de servidores públicos, meus pais, meus avós. Então, meio que está no sangue”. Sua meta, no entanto, era atuar como tradutor. A convocação do IBGE chegou como realização profissional e pessoal: “Fiquei bem feliz de ser chamado e que a minha vaga é aqui (na sede, no Rio de Janeiro). Estou empolgado para conhecer o trabalho. Agora realizo esse sonho de trabalhar (em tradução) em tempo integral”, comemorou.

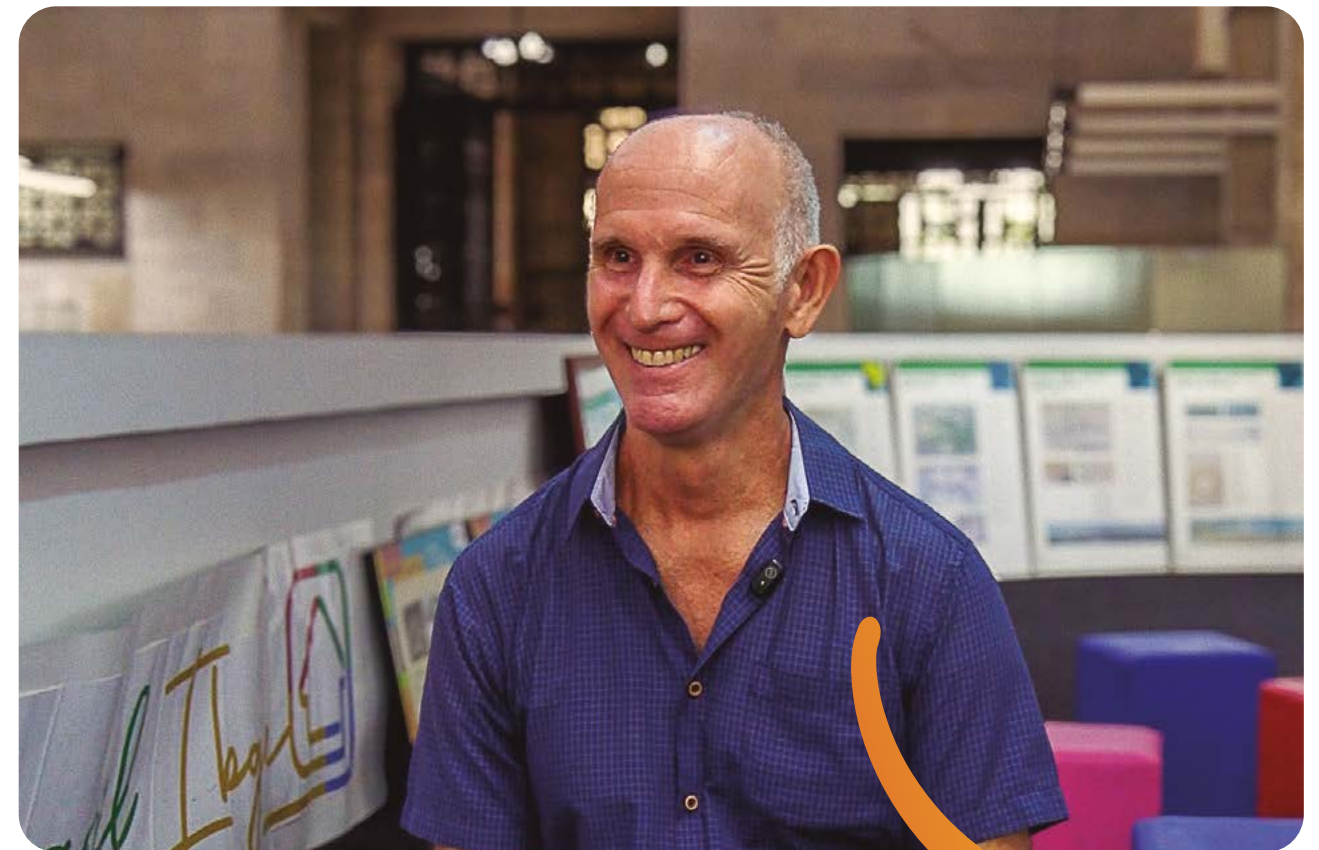
Veterano do serviço público

Entre as diferentes trajetórias que se somam ao capital humano do IBGE, Luciano ri e brinca ao dizer que é, provavelmente, o novato mais experiente. O engenheiro mecânico de Niterói conta que esta é sua terceira experiência no funcionalismo público, mas admite que iniciar em um novo trabalho ainda traz um pouco de ansiedade: “Um jovem de 59 anos entrando novamente em um novo emprego”.

Ele relata que se dedicou aos estudos para ingressar no IBGE, sua primeira opção entre os cargos disponíveis no CPNU.

“Eu, inclusive, trabalhava muito com os dados do IBGE na minha atividade na Petrobras Distribuidora, como por exemplo Censo Demográfico, população distribuída pelo país, porque eu trabalhava com distribuição de combustíveis. Eu usava esses dados no meu trabalho no dia a dia”.

O vínculo anterior, com a então empresa pública, durou duas décadas. Luciano afirma que, no IBGE, seu desafio pessoal será deixar novamente uma marca de dedicação, como fez na Petrobras: “Eu deixei 15 mil arquivos com todo o meu histórico, todos os meus estudos, todos os meus projetos, que ficaram lá. Eu queria poder repetir isso aqui, deixar um legado”.



Luciano Rosa Pereira - Engenheiro Mecânico. Foto: Thiago Antunes

Efeito migratório do IBGE

A segunda convocação repetiu o efeito de diversidade regional observado no ingresso dos novos servidores em 2025. A capilaridade do concurso, em que foram realizadas provas em todas as Unidades Federativas, proporcionou aos aprovados não apenas o ingresso em um novo trabalho, mas uma verdadeira redefinição de vidas: para muitos recém-chegados, a integração às funções do cargo anda lado a lado com a adaptação às novas cidades.



Fabiana Reck – Arquiteta. Foto: Thiago Antunes

A arquiteta Fabiana Reck chegou a assumir um cargo em outra Instituição na qual havia sido aprovada, mas reforça que o IBGE sempre foi seu objetivo principal: “Desde o primeiro momento, eu fiquei meio que apaixonada pelo IBGE. Então, estou bem feliz de ter conseguido”. Ela conta que precisou se mudar de Florianópolis, onde vivia há sete anos, mas se manteve aberta às novas possibilidades: “É tudo uma adaptação, mas que a gente precisa dar um tempo e abraçar também a mudança. Eu estava muito disposta a isso. Eu nem ousou limitar. Então, qualquer experiência que o IBGE me proporcione vai ser muito bem-vinda”, celebra.



Veja como foi a recepção dos novos servidores

Já para a potiguar Raíssa dos Santos, as mudanças foram tão intensas que era até difícil explicar: “Antes não tinha palavras para descrever o sentimento, porque foi tudo muito rápido. A convocação, a nomeação, foi um processo de diversos sentimentos, com a felicidade de ter passado, né?”. Lotada na Diretoria de Tecnologia da Informação, a desenvolvedora, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no ano do concurso, relatou a surpresa positiva diante do IBGE, onde pretende seguir carreira: “A energia de estar participando disso está sendo muito legal. Desafiador, mas muito legal. Deixei muita coisa no Rio Grande do Norte, mas estou muito feliz de estar aqui de coração aberto para essa nova oportunidade”.



Raíssa dos Santos - Desenvolvedora. Foto: Thiago Antunes



Bernardo Menezes - Jornalista. Foto: Romulo Brito

O jornalista Bernardo Menezes, por sua vez, trocou Brasília pelo Rio de Janeiro e a iniciativa privada pelo serviço público. Com passagens em veículos de comunicação importantes do país, não esconde o entusiasmo por se tornar ibgeano: “Eu acho que a alegria de estar aqui é diretamente proporcional à reputação dessa instituição que há décadas presta um serviço que é fundamental, ela é base e fundamento de praticamente para todas as políticas públicas e, como comunicador, ajudar a contar essa história, eu acho que é um privilégio enorme. Muito feliz por estar vivendo esse momento”, celebrou. 🇧🇷

Protagonismo de quem faz a história acontecer

Superintendências e Agências: elos que transformam a estratégia de planejamento em dados que retratam o Brasil

Magno Lopes

Dentro da rede de coleta do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), captar um dado vai além de disseminar apenas uma informação. Entre o planejamento operacional, a distância percorrida até o informante e a transmissão dos dados por meio do Dispositivo Móvel de Coleta (DMC) existem inúmeras histórias protagonizadas por quem atua nas 566 agências espalhadas por todo o território nacional.

São relatos que revelam realidades diversas, a busca pela qualificação dos servidores e o comprometimento com um trabalho que conduzirá à formulação de políticas públicas no Brasil. Afinal de contas, mapear e entender uma Nação com dimensões continentais, entrando na casa das pessoas, exige mais do que

apertar os comandos do dispositivo - demanda escuta ativa, resiliência e disposição para desafios e novidades do trabalho de campo.

Para entender essas histórias operacionais, os causos curiosos e a motivação de quem atua na ponta há décadas, a Revista Casa Brasil IBGE escutou os servidores das Superintendências e Agências das cinco regiões do Brasil. Da onça-pintada encontrada durante uma supervisão de campo aos dias de deslocamentos dentro de um barco para chegar aos informantes em aldeias indígenas; das diversas mudanças de estados ao reconhecimento do IBGE como missão de vida. Acontecimentos que os dados estatísticos não contam, mas estão marcados na memória dos servidores.

SORRISO (MT)

A missão de duas semanas era passar por um roteiro com aproximadamente 20 municípios no interior de Mato Grosso, com as malas presas no teto do veículo, em um percurso de estradas de terra e muita poeira, que mais lembrava um safári sem animais silvestres, pelo menos no início. No segundo mês de Instituto, este foi o cartão de visitas do servidor, Pedro Spoladore Ferreira dos Reis, na busca pelos dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), de 2006.

Nesse período, ele havia acabado de entrar na supervisão das pesquisas agropecuárias na Superintendência de Cuiabá. “Meu supervisor queria que eu tivesse a vivência e aprendesse na prática. Ali foi muito legal! Naquela época, nem conhecia o Mato Grosso direito. Para mim, aquela experiência mais parecia um safári, mas eu adorei tudo aquilo. Acho que foi o que me fez gostar do IBGE, por isso estou aqui até hoje”, conta Pedro, que fará 20 anos de

Instituto em agosto. Nesse tempo, dos 142 municípios do estado, ele conheceu 136.

A maior parte da experiência foi construída em campo, diretamente na coleta das informações. Já em 2007, participou da Contagem Populacional em Mato Grosso e, em seguida, colaborou para finalizar este mesmo processo na cidade de Jarú, em Rondônia. No Censo Demográfico 2010, foi coordenador da subárea na cidade de Várzea Grande (MT), o segundo maior município do estado, gerenciando uma equipe de mais de 200 pessoas. Em 2011, fez parte da estruturação da Agência de Sorriso (MT), que seria inaugurada em 2012, onde está atualmente. Desse período, se ausentou apenas um ano e meio para coordenar o Censo Agropecuário 2017, na capital do estado. “O interessante da Agência é isso. Aprendemos todas as pesquisas que são coletadas. Entramos de cabeça em todas elas”, relata.

Com tantas experiências diretamente no campo, as histórias se multiplicam. Em uma delas, ficou frente a frente com

Devido a sua atuação nas pesquisas, dos 142 municípios do estado, Pedro conhece 136
Foto: arquivo pessoal





Pedro com a equipe de trabalho do Posto de Coleta de Várzea Grande-MT, no Censo de 2010- Foto: arquivo pessoal

uma onça-pintada. Era o animal silvestre que faltava no safári lá em 2006. “Acabei caindo em uma ponte de madeira e, ao sair do veículo, para procurar ajuda na fazenda mais próxima, encontrei o animal. Na verdade, a onça também estava com medo, então correu um para cada lado”. Mas este não é o único desafio do interior do MT, Pedro conta sobre os perrengues nos deslocamentos entre municípios, como ficar atolado na estrada quando se dirigia para aldeias indígenas na busca pelos dados; a necessidade de atravessar pelo meio de um rio para pegar a estrada na outra ponta; ou chegar a cidades bem pequenas para realizar o serviço e não conseguir sequer um local para dormir.

A Agência de Sorriso, com sede localizada na “Capital Nacional do Agronegócio”, conta com 11 municípios, entre eles, o mais novo do Brasil: Boa Esperança do Norte. Um dos fatores que marcam a unidade é a distância de acesso entre as cidades. Nos trabalhos feitos no distrito de Pontal do Marape, pertencente ao município de Nova Mutum, por exemplo, chega a ser de

700 km. “Em termos de agropecuária, é a agência mais importante do Brasil. Se for pensar em PIB Agro, em produção de soja, milho, algodão é a Agência que contabiliza a maior produção do País. Temos o registro, inclusive, da maior produção de soja do mundo”, explica Pedro.

Para dar conta das especificidades e respeitar os prazos, o servidor realiza uma reunião de equipe a cada 15 dias. Em um trabalho que tem como objetivo a troca de experiência de campo e a motivação para vencer os obstáculos como as distâncias e as condições climáticas adversas. “Considerando as características de Mato Grosso, é um desafio diário. Então, eu valorizo muito o trabalho da Agência”.

Aliás, Pedro reafirma que são poucos os órgãos que têm a possibilidade de ir a todos os municípios e cantos do país como o IBGE. Isso se deve ao trabalho de ponta feito nas Agências: uma rede de coleta descentralizada. “Coletamos, trabalhamos e transmitimos estas pecinhas que vão formar o quebra-cabeça. Elas vão se juntando e gerando informação muito relevante para o Brasil. É um trabalho que não acaba nunca. Então a gente se sente parte desse todo e é o que a gente passa para o informante também, para que ele se sinta parte junto conosco”.

Desses 20 anos no IBGE, o chefe de Agência, empolgado com as suas histórias e crescimento profissional, avalia que todas as escolhas que fez na vida têm a influência do Instituto. Atualmente, ele finaliza uma pós-graduação em gestão pública no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), o que está atrelado a sua atuação diária. “Cresci como pessoa, cresci como profissional. As amizades antigas que tenho, quase todas são daqui. Quero que o IBGE continue sendo uma referência para a Academia e para a população, ou seja, um Instituto confiável.”

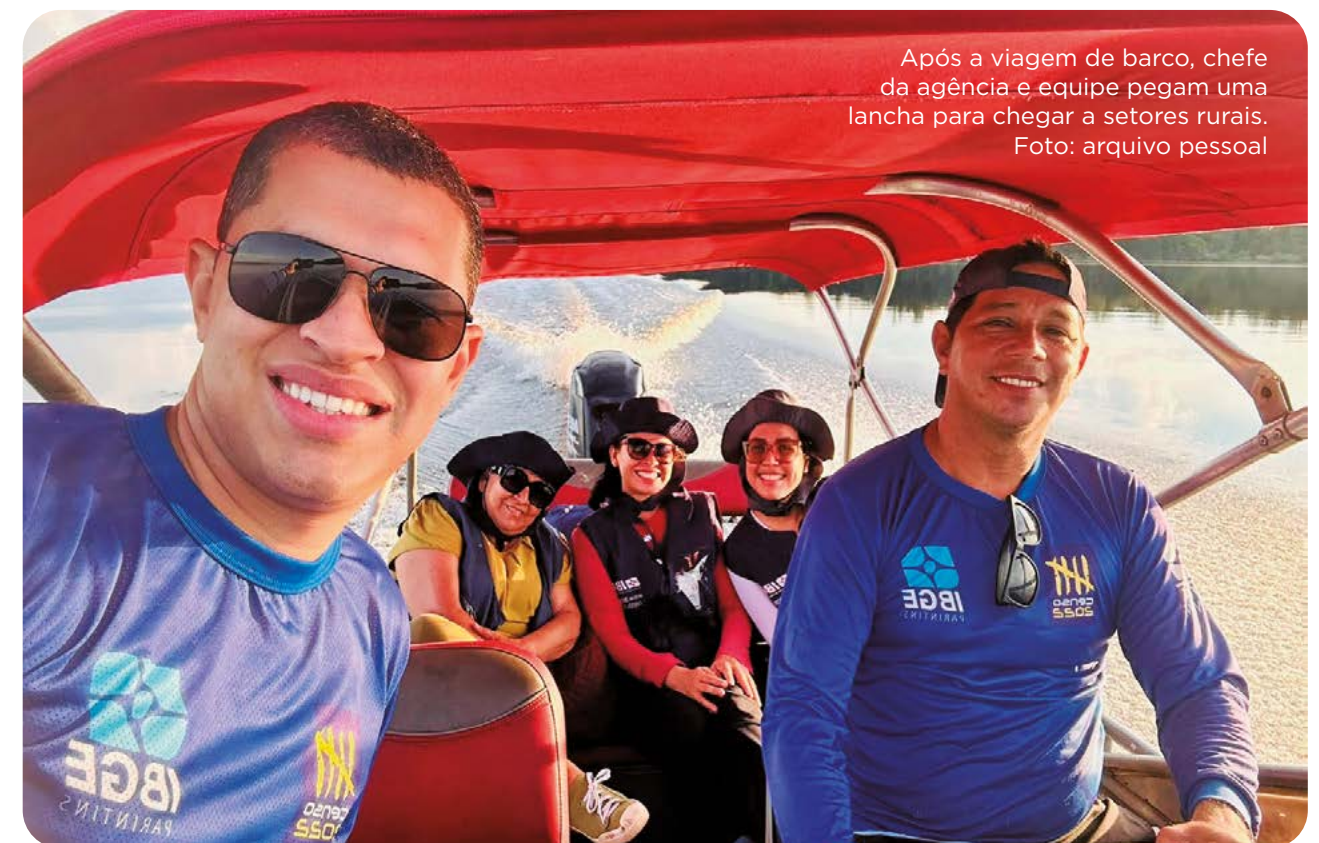
PARINTINS (AM)

Ter os rios como a principal via de conexão entre as cidades que fazem parte de uma Agência requer tempo e planejamento. Em Parintins, uma ilha localizada a 400 km da capital Manaus, à beira do Rio Amazonas, essa é a realidade. Lá, o acesso aos informantes das cidades de Nhamundá, Barreirinha, Boa Vista do Ramos e Maués pode levar dias. Para chegar a Maués, por exemplo, a equipe entra em um barco às 15 horas de um dia e desembarca somente às 8 horas do dia seguinte. Durante a viagem, feita em uma rede instalada pelos próprios servidores, eles, com os equipamentos disponíveis, buscam confirmar os últimos detalhes com os informantes para não perderem a viagem.

“Esse percurso é uma novela, uma lenda. Quando fazemos reunião de planejamento para o trimestre, pensamos em tudo. Que horas sai o barco, quando volta. Depois que chegamos na sede do município, é

necessário pegarmos uma lancha para chegar até um setor rural. Isso pode levar mais umas oito horas. É distante, mas é prazeroso. Esse trabalho pode durar até umas duas noites e três dias”, conta a chefe da Agência de Parintins, Maria de Fátima dos Santos da Silva, que devido aos laços com a comunidade e o tempo que atua na localidade, passou a ser conhecida mesmo como Dona Fátima do IBGE.

A veterana da Superintendência do Amazonas tem 45 anos de Instituto e relata as histórias das suas supervisões com vitalidade e paixão. Orgulha-se ao dizer que o IBGE já proporcionou que ela conhecesse 60 dos 62 municípios do estado. Entrou no IBGE em agosto de 1980, passou pela Delegacia do IBGE em Manaus (1980-1985). Após este período, atuou pela primeira vez como chefe da Agência de Parintins (1985-1989). Em seguida, trabalhou na Agência de Castanhal, em Belém do Pará (1989-1991). Retorna ao Escritório de Estatística



Após a viagem de barco, chefe da agência e equipe pegam uma lancha para chegar a setores rurais. Foto: arquivo pessoal

de Manaus em 1991, quando foi para a supervisão das pesquisas agropecuárias onde ficou até 2009. Desde então, reassumiu a Agência de Parintins. “Nesse tempo, coordenei dois Censos Agropecuários e cinco Censos Demográficos. Quando fui pela segunda vez para Parintins, fui para



Maria de Fátima conta cada uma das histórias com empolgação - Foto: arquivo pessoal

organizar o Censo Demográfico 2010. Passar uns dois anos e voltar. O resultado é que eu não voltei até agora”, afirma.

Desse tempo, Fátima guarda as lembranças na memória e dezenas de fotos, que trazem as inúmeras histórias acumuladas. Das roupas colocadas para secar na lancha enquanto o trajeto era feito até o registro fotográfico de quando teve que

assumir a produção de farinha para que a responsável pudesse responder as perguntas. Além do barco, ela fazia as supervisões de bicicleta e motocicleta, mas já utilizou até mesmo um trator. “Uma agência é o miolo, o cérebro do IBGE. É lá na ponta que vamos captar os dados. Respeito e dou muito valor ao Agente de Pesquisa e Mapeamento, que procura o dado, que puxa as informações, as respostas”.

A chefe de Agência diz que tem um perfil de buscar conhecimento sobre aquilo que faz. Enquanto trabalhava no IBGE, fez duas faculdades: Biologia e Geografia. Além disso, concluiu um curso técnico em Agropecuária. “Tenho amor pelo IBGE. Entrei com vinte e poucos anos e aprendi muita coisa. Desde ser uma técnica aprofundada nas pesquisas, pois procurava estudar e conhecer para esclarecer o meu informante; até crescer como ser humano. Na Zona Rural, por exemplo, alguns pequenos nem sabem o que é um pão. Às vezes, eles passam a conhecer quando nós levamos e chegamos para pernoitar”.

Ao olhar para trás e ver os lugares que já passou e os trabalhos desenvolvidos, Fátima diz que tem orgulho de fazer parte e que valeu muito a pena ter ingressado na Instituição. “Eu me encontrei no IBGE, me sinto realizada. Falo que hoje já posso me aposentar porque eu já fiz de tudo um pouco aqui. Nesse trabalho, todos os dias você conhece algo novo e tem informações novas para divulgar. Sou muito grata por ter esse conhecimento e poder repassá-lo para outra pessoa”.

Atualmente, a Agência Parintins conta com 10 servidores. Devido ao grande número de empresas, a Agência tem como ponto forte a realização das pesquisas econômicas, seguida das domiciliares e das agropecuárias.

PETRÓPOLIS (RJ)

Na Região Serrana do Rio, funciona a Agência de Petrópolis. Considerada como de médio/grande porte, tem também como o seu forte as pesquisas agropecuárias. É lá que trabalha o técnico Sebastião Carlos de Carvalho. Dos 90 anos de IBGE, quase 50 deles fazem parte da vida do chefe da Agência. Ele chegou na instituição em 1975 para ser supervisor do Censo Agropecuário em Três Rios. A partir de 1977, foi efetivado. De lá para cá, passou pela chefia da Agência em dois períodos: o primeiro ficou por 17 anos; o segundo, já completou oito.

Com tanto tempo, Sebastião brinca ao dizer que tem até a plaquinha de patrimônio da Instituição. Nesse período, ressalta o dinamismo que é atuar em uma agência do interior, pois são necessários muito planejamento e disposição para atender e executar o serviço da melhor forma. “É uma rotina que traz oportunidades de um dia você estar em uma cidade, no outro em um município diverso. De estar em um setor rural, em uma grande empresa ou dentro dos gabinetes das prefeituras. É uma experiência única que nenhum outro emprego proporciona. Digo que o chefe de Agência deve estar preparado para atender todas as áreas da Superintendência, seja a SDI, a GRM, a GOF, enfim a todos”.

A região de abrangência é conhecida pela relevância no Produto Interno Bruto (PIB) da agropecuária do Estado do Rio. “Temos, por exemplo, em Teresópolis, Três Rios e Areal uma grande plantação de uvas, que está se tornando referência no Brasil”. Outra característica é a dificuldade de acesso para algumas localidades. De terreno acidentado e com muitas chuvas, a realidade exige cuidado. “Por diversas vezes tivemos que voltar devido à queda de barreiras e estradas interditadas”, relata Sebastião.



Chefe da Agência de Petrópolis (RJ) já participou de diversos treinamentos - Foto: arquivo pessoal



Do tempo de coleta das informações lá no início, Sebastião lembra que para conseguir encontrar os informantes e fazer a supervisão, a equipe saía um dia antes. “Era uma das coisas inusitadas. Em alguns municípios, a gente saía à noite do Centro da cidade para amanhecer no setor e dormia dentro de carro para poder pegar os informantes na lavoura por volta das 5 horas”.

Hoje em dia, Sebastião se define mais gestor administrativo do que técnico. “Sou uma pessoa que passa um bom tempo dentro da Agência, planejando, organizando as equipes e distribuindo as tarefas de maneira bem adequada. Contudo, quando é preciso fazer os contatos institucionais externos, me apresento, pois não tenho dificuldade para me relacionar com as pessoas”.

Todas as responsabilidades, Sebastião encara com a tranquilidade que somente a experiência de tantos anos podem conceder. Para ele, o servidor de uma Agência precisa de muita paciência e jogo de cintura para superar os desafios. “É necessário resiliência para lidar com as pessoas. Você precisa ser amigo da sua equipe e entender cada integrante. Saber que são pessoas, que possuem problemas. Eu, particularmente, aprendo todos os dias. É uma honra muito grande! Tenho muito orgulho de ter essa história na minha vida”.



Acesse a área do
Serviço de Informa-
ção ao cidadão (SIC)

NATAL (RN)

Se fosse georreferenciada, a trajetória do engenheiro agrônomo Elder de Oliveira Costa percorreria alguns estados do Norte e Nordeste. Ele nasceu no Rio Grande do Norte (RN), mas a história profissional dentro do Instituto começou no Acre (AC). Foi do Acre para Alagoas (AL). De Alagoas de volta para o Rio Grande do Norte. Um ciclo que percorreu diversas realidades e que está quase se fechando com a aposentadoria programada para este ano. O sonho lá no início era ser médico, cuidar das pessoas. Na prática, virou agrônomo, e, de certo modo, cuidou das pessoas do campo, dos dados agropecuários e colaborou para inspirar as políticas públicas do setor.

Foi a procura de novas aventuras que levou o servidor a chegar ao Acre, em janeiro de 1976, para trabalhar na extensão rural (contratado pela Emater) e possibilitou a descoberta de diversas realidades. No IBGE desde 1979, ele, por meio da supervisão agropecuária pôde conhecer as características de cada localidade. Da novidade que foi conhecer a extração do látex, no Acre, à exploração da cana-de-açúcar, em Alagoas; até a produção de fruticultura, no Rio Grande do Norte. Cultivos que deixaram as marcas no trabalho desempenhado por ele e a equipe da supervisão.

Sexto filho de oito irmãos, já nasceu na área urbana, não teve a experiência de zona rural que o pai acumulou, em Mossoró (RN). Contudo, as antigas atividades do pai, na criação de vacas, na produção de leite e, em seguida, na venda do produto, seriam alguns dos objetos de pesquisa de Elder pelos estados por onde passou.

O analista entrou para coordenar as Estatísticas Agropecuárias na Delegacia do IBGE no Acre. Logo no ano seguinte, participou do Censo Agro e, ao terminar, foi

designado delegado substituto na cidade do Norte onde ficou até 1989. “Quando fui para o Acre, era novo. Procurava novos horizontes e aventuras. Lá me casei, constituí família, tive dois filhos. Foi um privilégio trabalhar lá. É diferente do que aqui do Nordeste. A estratégia de coleta é distinta, principalmente em atividade censitária. Utilizávamos bastante o barco como meio de transporte para chegar aos estabelecimentos agropecuários”.

Já com desejo de voltar para o estado onde nasceu, solicitou transferência para Alagoas onde ficou na mesma supervisão até 1995. Em seguida, foi responsável pela Delegacia do IBGE no Rio Grande do Norte até 2009, quando retornou para a Seção de Pesquisa Agropecuária. Atualmente, desempenha as atividades do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA). Os dados são apresentados nos encontros periódicos da Reunião Municipal de Estatísticas Agropecuárias (Reagro). Participa, ainda, das supervisões nas pesquisas de Estoque, Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, da Produção Agrícola Municipal (PAM), da Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM) e da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS). “A volta para o RN foi por opção. Senti que já havia dado uma contribuição e queria voltar para minha terra. Dos 46 anos de casa, 21 foram de RN”.

Em toda sua trajetória, atuou diretamente no apoio para que as agências dos estados entregassem os resultados. “A linha de frente são os nossos técnicos, que trabalham nas agências. Aqui no RN temos nove Agências, que estão diariamente com os informantes. Sem este trabalho o IBGE não existiria. É este pessoal que coleta o dado e retrata a população brasileira”.

Ao olhar para atrás, para o jovem que ingressou na Instituição lá no Acre, Elder se diz realizado pela profissão que escolheu:



A primeira atuação de Elder Costa pelo IBGE foi no estado do Acre. Foto: arquivo pessoal



Elder Costa em sua estação de trabalho. 2026. Foto: Eryka Silva

“ Eu escolhi o IBGE quando participei daquele processo seletivo lá em 1979. Desde então, o Instituto me proporcionou muito conhecimento. Conheço praticamente o Brasil inteiro por meio dos treinamentos. Pude acompanhar a realidade do País e o resultado que o nosso trabalho gera. A intenção agora é me aposentar em outubro, mas quero ver o IBGE cada dia mais perto da sociedade, mostrando sua importância no planejamento das políticas públicas ”

JAGUARIAÍVA (PR)

A cena é descrita pelo servidor como pitoresca. Sair da agência, entrar numa cadeia pública, passar pelas grades onde ficam os detentos e ser abordado por um deles que indaga ao ibgeano: “Me diz uma coisa. Quando é que eu vou sair daqui?”. Essa é só uma das experiências do técnico Silas Gerson Ayres Filho, que trabalha na Agência de Jaguariaíva, no Paraná. Há 45 anos, ele atua na ponta das pesquisas, vai aonde os dados nascem. Passou por Censos, diversos levantamentos e atuou como chefe de agência. Hoje, quando para e analisa sua trajetória, é enfático ao dizer que fez do IBGE uma missão de vida.

A pesquisa mencionada na cadeia pública era um levantamento que o IBGE fazia diretamente nos estabelecimentos de segurança pública. “Aquele era o caminho que fazia para chegar à sala do escrivão e do delegado para pegar os dados. Naquela ocasião, acabei parando e explicando ao detento que não era advogado, mas sim um pesquisador do IBGE”, conta Silas.

O servidor começou como supervisor do IBGE em 1980 para fazer o Censo daquele ano “O Censo começava com o Demográfico, passava pelo Agropecuário e terminava com o Econômico e inquéritos especiais, que compreendia as atividades de transporte rodoviário e meios de hospedagem”. Após ser efetivado em 1982, começou a conhecer a fundo outras pesquisas do Instituto. Silas tem orgulho de dizer que já trabalhou com seis chefes de agência e aprendeu bastante com cada um deles. “Ainda ontem eu refletia sobre a minha trajetória. Trabalhei com muita gente bacana e tenho cada um guardado na minha memória”.

Um dos levantamentos que se destaca na vida do técnico é o realizado no Censo Econômico de 1985 feito dentro da primeira indústria de papel imprensa, localizada em Jaguariaíva (PR) e ligada a um grupo de grandes jornais da época. “Imagine você entrar em uma empresa nova. Foram cerca de dez dias lá dentro, preenchendo uns 12 questionários de papel junto com o setor de Contabilidade, que a cada cinco, dez minutos ligava para a sede administrativa, pois ali havia poucas informações. No final da coleta, ainda passei tudo a limpo, uma vez que além das vias do IBGE, a empresa solicitou uma cópia. Lembro que virei a noite na Agência fazendo isso”. Foi tanto tempo dentro da empresa que Silas foi convidado para trabalhar lá. “Em dado momento, ele me perguntou se eu queria trocar de crachá, mas continuei no IBGE”, lembra.

Do tempo de casa, recorda, ainda, a implantação das primeiras Comissões Censitárias no Brasil, em 1990; a primeira pesquisa de previsão de safras feita por foto aérea; e o crescimento expressivo da população de Jaguariaíva no Censo de 1991, que aumentou 64,26% em relação ao Censo Demográfico de 1980, como resultado da implantação da fábrica de papel que atraiu trabalhadores dos estados do Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais.

Além da atuação direta nas pesquisas, Silas foi chefe da Agência de Jaguariaíva entre 1989 e 1992. Como chefe, procurou ser democrático, usando sempre o diálogo, a boa conversa. Daquela época ele tem uma certeza: “O IBGE continua sendo, sem dúvida alguma, o principal órgão de levantamento estatístico no Brasil e até da América Latina”.

Ao analisar sua história, Silas é certo. “Fiz do IBGE uma missão de vida. Vamos adquirindo conhecimento, sentindo aquele amor, aquele apego. Costumo dizer que me sinto realizado”. Atualmente, com toda a experiência adquirida ao longo dos 45 anos, presta suporte técnico na maior parte das pesquisas da Agência. Participa, ainda, do LSPA e das pesquisas anuais da agropecuária. “Apesar da minha idade, 71 anos, não me sinto cansado ou indisposto para trabalhar. Pelo contrário, estou vislumbrando os trabalhos a serem realizados no próximo Censo Agropecuário”, finaliza. 🇧🇷



Silas Gerson Ayres Filho - Agência Jaguariaíva (PR) Foto: arquivo pessoal

De Norte a Sul do Brasil, IBGE apresenta à sociedade Plano de Trabalho para 2026

Sheila Machado

Pertinente a sua abrangência nacional, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) promoveu pelas cinco regiões do Brasil a apresentação do Plano de Trabalho 2026. A série de eventos regionais ocorreu de 20 a 26 de janeiro e marcou, também, o início das comemorações dos 90 anos do IBGE. A iniciativa reforça o papel do Instituto na produção e disseminação de informações estatísticas e geográficas de excelência, fortalecendo o diálogo federativo e a aproximação com a sociedade.

“O Plano de Trabalho orienta ações estratégicas para garantir dados confiáveis e acessíveis, fundamentais para o desenvolvimento sustentável e a formulação de políticas públicas que atendam às necessidades da sociedade. E reafirma

o compromisso do IBGE com o melhor conhecimento da realidade brasileira de forma transparente, participativa e democrática no preparo das informações de qualidade voltadas às políticas públicas de transformação da nação em plena transição para a Era Digital”, destacou o presidente do IBGE, Marcio Pochmann, que participou de todos os eventos pelo Brasil.

O presidente informou que, para 2026, o IBGE disporá de R\$ 4 bilhões para a execução de suas atividades - um aumento de 32% em relação a 2025 - recursos que permitirão a realização de mais de 269 divulgações previstas para o ano. “Entre as grandes pesquisas que integram o planejamento, teremos a preparação de quatro importantes operações censitárias”, disse.

Orçamento e Comunicação

Nordeste foi a primeira região a conhecer o Plano de Trabalho 2026, no dia 20 de janeiro, na Agência do IBGE em São Francisco do Conde (BA), que funciona na Casa de Mário Augusto Teixeira de Freitas - idealizador e primeiro Secretário-geral do IBGE. O museu em homenagem a Teixeira de Freitas foi revitalizado com a doação, por parte do IBGE, de materiais gráficos, como atlas, publicações e mapas. Em São Francisco do Conde, a Diretoria-Executiva (DE), o Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI) e a Coordenação-Geral de Comunicação Social (CCS) divulgaram seu planejamento anual.

De acordo com a diretora executiva, Flavia Vinhaes, “o plano de trabalho da Diretoria Executiva tem como eixo principal a melhor execução orçamentária, garantindo a manutenção das pesquisas e a modernização da infraestrutura necessária à produção estatística”.

Por sua vez, o coordenador-geral do CDDI/CCS, José Daniel Castro, ressaltou que, no contexto dos 90 anos do IBGE, é essencial seguir a linha de disseminação de informações em todo o Brasil, pois o Instituto está presente em todos os municípios e estados da Federação: “Enfatizamos a integração das informações, a integração da gráfica e o trabalho no formato de birô, com a integração dos profissionais de comunicação do IBGE. Existe, ainda, a execução da obra de *retrofit* do prédio da Rua General Canabarro, no Rio de Janeiro, que está para começar”.



A ENCE apresentou o Plano de Trabalho 2026 na Reerva Ecológica do IBGE, em Brasília (DF).
Foto: Gabriela Carmo

Educação

Em evento no Centro-Oeste, na Reserva Ecológica do IBGE em Brasília (DF), no dia 21 de janeiro, foi a vez da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE) - instituição federal de ensino superior de Estatística e vinculada ao IBGE - tratar do conjunto de atividades educacionais, de treinamento, formação e capacitação previstas para 2026. “Além do ensino nos níveis de graduação e pós-graduação, haverá uma série de iniciativas da pesquisa científica e da extensão associadas à missão institucional do IBGE. Em 2025, foi criado o Laboratório Técnico de Pesquisa Experimental, que tende a estruturar em torno do IBGE um catálogo de pesquisas experimentais.

Vamos pegar pesquisas que estão no início ou que são possibilidades interessantes e vamos incentivá-las, a partir do laboratório, buscando interlocutores e recursos para financiá-las”, afirmou o coordenador-geral da ENCE, Jorge Abrahão. Ele ressaltou, ainda, que a ENCE vai atuar no treinamento de servidores que participarão nas pesquisas censitárias, em demais pesquisas amostrais e em uma série de ofertas de capacitação e cursos em trilhas do conhecimento, abertos para a sociedade como um todo. Além disso, o coordenador-geral informou que está sendo construído o Plano de Desenvolvimento Institucional da ENCE, para o quadriênio 2026-2030.

Tecnologia

No Sul, na Superintendência Estadual do IBGE, em Curitiba (SES/PR), ocorreu no dia 22 de janeiro a apresentação do Plano de Trabalho 2026, por parte da Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI). Marcos Mazoni, diretor de Tecnologia da Informação, frisou que as prioridades para o ano são a soberania na gestão das bases de dados, com uso de plataformas de softwares livres e criação de ambientes de cooperação com gestores públicos.

A primeira aplicação já está em curso: o uso da nuvem soberana do Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro) para armazenamento de dados, com replicação na nuvem de um fornecedor que trabalha com bancos de dados abertos e não está sob o controle de outros países. “O contrato com o Serpro tem por objetivo suprir nossas carências, mas não se apoiando nos fornecedores tradicionais, e sim na própria estrutura do Estado brasileiro, o que nos permitirá continuidade nos aspectos técnicos e financeiros”, explicou Mazoni.



Conheça o Plano
de Trabalho do
IBGE para 2026

O Plano de Trabalho 2026 da DTI foi apresentado na Superintendência do Paraná



Foto: Fernanda Greppe

Pesquisas

O Plano de Trabalho da Diretoria de Pesquisas (DPE), por sua vez, foi apresentado no Sudeste, em Belo Horizonte (MG), no dia 23 de janeiro, contendo o conjunto de atividades associadas à produção das principais estatísticas econômicas, sociais, agropecuárias e ambientais do Brasil. Para este ano, estão previstas mais de 200 divulgações de pesquisas estruturais e conjunturais do plano regular, bem como pesquisas estatísticas experimentais, sendo 186 pesquisas listadas como metas institucionais.

O diretor de Pesquisas, Gustavo Junger, contou que em 2026 a DPE está concentrada na preparação de importantes operações censitárias: o 12º Censo Agropecuário, Florestal e Aquícola; o Censo Nacional da População em Situação de Rua; o Censo dos Brasileiros no Exterior; a finalização das divulgações do Censo Demográfico 2022 e o planejamento para o Censo Demográfico 2030. Vladimir Miranda, diretor adjunto de Pesquisas, comentou que o IBGE trabalhará com informações produzidas pelo Cadastro Central de Empresas que, por sua vez, alimentam pesquisas da Indústria, Comércio e Serviços; as estatísticas sociais,



BH Plano de Trabalho - Foto: SDI MG

como as do Registro Civil e Projeção de População; e as estatísticas produzidas com base em informações dos entes federativos: a MUNIC e a ESTADIC. Em 2026, o IBGE operará, ainda, os módulos finais da Pesquisa de Inovação (PINTEC) semestral - que é uma estatística experimental - e inicia a coleta da PINTEC trienal, que vai a campo este ano. A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) está em fase de finalização de coleta, e a DPE fará a análise e produção das estatísticas, com expectativa de ter os primeiros resultados até o fim do ano.

Geociências

Finalizando a rodada de apresentações do Plano de Trabalho 2026 pelo Brasil, Macapá (AP), na Região Norte, recebeu em 26 de janeiro, a Diretoria de Geociências. A diretora Maria do Carmo Bueno explicou que um dos principais trabalhos da sua área neste ano é, além de realizar melhorias cartográficas e estudos geodésicos, efetivar a atualização da Base Territorial - incluindo os setores censitários e as imagens de satélite - que serve de insumo para as operações censitárias. “Estão programadas otimizações na questão de cobertura e uso das terras, que tornarão esse levantamento mais dinâmico, rápido e eficaz. Para isso, a gente pretende, inclusive, utilizar inteligência artificial”, revelou a diretora. 🇧🇷



AP Plano de Trabalho - Divulgação Fecomércio



Confira os vídeos das apresentações do Plano de Trabalho do IBGE para 2026

IBGE inaugura unidades da Casa Brasil na Bahia, Ceará e Pernambuco

ampliando sua presença com espaços de cidadania e conhecimento

Débora Silva Costa e Marcos Filipe Sousa

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) concluiu mais uma etapa da expansão da Casa Brasil IBGE, com a inauguração de três novas unidades: Salvador (BA), Fundaj (PE) e Fortaleza (CE). Projetada para aproximar a população do trabalho do Instituto por meio de tecnologia, memória e experiências interativas, a Casa Brasil IBGE é um dos instrumentos de difusão de conhecimento e inovação pública implementados pelo IBGE. A Casa Brasil IBGE, que já funcionava no Rio de Janeiro (RJ), em Recife (PE), em Belém (PA) e em Juiz de Fora (MG), com as novas unidades passa a contar com sete unidades.

Inauguração ocorreu durante a realização da Conferência Nacional dos Agentes Produtores e Usuários de Dados - Confest/Confège, Salvador (BA)
Foto: Heitor Montes

Bahia

A nova unidade foi instalada no mês de dezembro de 2025, no Instituto do Cacau, na Avenida da França, bairro do Comércio, dentro do Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC). A escolha do local tem, segundo o presidente do IBGE, Marcio Pochmann, uma dimensão estratégica. “Está ocorrendo a revitalização do centro histórico da cidade, e o IBGE faz parte disso. Assim, esta Casa Brasil cumpre a função de aproximar a população do Instituto e da sua produção de dados e estatísticas”, afirmou durante a inauguração. O espaço é resultado de parceria com o Governo do Estado da Bahia.

Para o superintendente do IBGE no estado, André Uripia, a localização em um dos pontos de maior circulação da capital permitirá ampliar o alcance da instituição. “Estamos felizes com essa inauguração, onde mais pessoas poderão ter acesso ao nosso trabalho”, destacou.

O secretário estadual de Administração, Rodrigo Pimentel, ressaltou a importância do espaço para a requalificação da região. “Aqui é uma central de serviços ao cidadão, e contar com a presença do Instituto é engrandecer ainda mais o local, com atividades voltadas às pessoas.”



Casa Brasil IBGE em Salvador fica no Centro Histórico, onde contribui com a revitalização da cidade - Foto: Heitor Montes

Inauguração da Casa Brasil IBGE Ceará Foto: Débora Silva Costa



Espaço do IBGE está instalado no Ipece Foto: Débora Silva Costa



Ceará

Já no Ceará, a Casa Brasil IBGE, inaugurada no dia 18 de novembro de 2025, passou a ocupar um espaço dentro da sede do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), no bairro do Cambé, em Fortaleza.

A cerimônia contou com a participação remota do presidente do IBGE, que acompanhava o lançamento do pré-teste do 12º Censo Agropecuário, Florestal e Aquícola, em Belém (PA), durante a COP30. “A experiência que estamos acumulando com as Casas Brasil IBGE vai no sentido de aproximar a produção dos dados estatísticos e toda a parte das geociências da população”, afirmou Marcio Pochmann. Para o presidente, a popularização dessas informações é essencial: “Vivemos em uma sociedade cada vez mais dirigida por dados. É fundamental que a população tenha acesso a essas informações para tomar decisões individuais e coletivas”.

O diretor-geral do Ipece, Alfredo Pessoa, comemorou a instalação da unidade, reforçando a longa parceria entre o órgão estadual e o IBGE. “Nossa Casa Brasil é a quinta do país. Quando entra o apoio do Governo do Estado, isso se amplia”, afirmou. Representantes de instituições parceiras - como o Instituto de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), o Banco do Nordeste (BNB) e o Conselho Regional de Economia (Corecon/CE) - destacaram como a Casa Brasil IBGE fortalece estudos regionais, estimula o uso de dados públicos e aproxima a produção estatística da sociedade.

O superintendente do IBGE no Ceará, Francisco Lopes, celebrou a inauguração como a criação de um espaço democrático e multifuncional. Segundo ele, a unidade deve receber exposições, lançamentos de pesquisas, visitas guiadas, cursos e delegações.

Fundaj no Recife

No dia 24 de março de 2026, na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), na cidade de Recife, foi inaugurada mais uma unidade que fica localizada no Campus Gilberto Freyre, no bairro Casa Forte.

A abertura do evento contou com a participação do presidente do IBGE, Marcio Pochmann; da presidenta da Fundaj, Márcia Angela Aguiar; do vice-reitor da Universidade Federal de Pernambuco (PE), professor Moacyr Cunha de Araujo, representando o reitor, Alfredo Macedo Gomes; do superintendente estadual do IBGE em Pernambuco, Gliner Dias e do coordenador-geral do Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI/IBGE), José Daniel Castro.

A instalação fortalece a estratégia do IBGE de expandir a rede Casa Brasil no Nordeste, ampliando o acesso público às bases estatísticas, geocientíficas e de conhecimento produzidas pelo Instituto. A iniciativa também consolida a cooperação institucional com a Fundaj, aproximando as duas entidades federais em ações de disseminação científica e cultural.

“Hoje nós estamos aqui com essa parceria que foi construída com o tempo. A Casa Brasil será certamente uma referência para uma forma inovadora de levar as informações a todos os interessados em conhecer melhor o nosso país e, sobretudo, em transformá-lo. Nesse sentido, o desafio é enorme porque estamos em uma sociedade de serviços hiper-conectada. Uma sociedade da Era Digital, da centralidade dos dados, de governos e sociedades cada vez mais orientados por dados”, destaca Pochmann.

Para a presidente da Fundaj, Márcia Angela Aguiar, a abertura do novo espaço enriquece ainda mais o trabalho que já é realizado pela instituição.



“Talvez não tenha Casa Brasil mais interessante do que essa pelo que é desenvolvido aqui. Aqui na Fundação está presente a memória viva do país. É abrir um espaço para refletir sobre a realidade brasileira e ter acesso a dados de forma mais fácil. Será um espaço formativo da maior importância. Agradecemos à confiança do Pochmann”, disse Márcia.

A presidente destaca que a nova Casa vem para complementar e diversificar o trabalho que já é desenvolvido pela outra Casa Brasil IBGE localizada no Recife, na Sudene.

“Esse espaço não é só de Pernambuco, mas do Nordeste e do Norte. É um espaço brasileiro. A Casa Brasil Sudene é importante para aqueles que estão em cargos governamentais definindo políticas. Aqui temos algo que fica para o futuro. Temos pesquisas e acervos importantes. Não vai ser uma via apenas para chegar à Casa Brasil IBGE, mas à Casa Brasil IBGE Fundaj. É um intercâmbio de ideias e propostas. Temos acervos, museus, cinemas, trabalhos com crianças. Tem uma potência que poderá fazer desta a Casa Brasil exemplar”, ressaltou durante o evento. 🇧🇷

O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – é o órgão responsável pela produção e disseminação de informações estatísticas, geográficas, cartográficas, geodésicas e ambientais sobre o nosso país.

Sua missão é retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento de sua realidade e ao exercício da cidadania.

Quer saber um pouco mais sobre o nosso País? Então siga o Pedro e a Bel, amigos do IBGEeduca, que vão te levar nessa jornada de conhecimento.



Vamos aprender mais
sobre o Brasil, seus
Estados e biomas!

Quiz

Será que você sabe de quais capitais de estado estamos falando?

Fico em um estado do Norte
Tenho seis letras
Sou a capital mais nova do Brasil
Meu nome está no plural
Meu gentílico é "palmense"
Começo com a letra P
Quem sou eu?

Fico na região Norte
Tenho seis letras
Rimo com "pá"
Meu bioma é Amazônia
Sou cortada pela Linha do Equador
Começo com a letra M
Quem sou eu?

Fico na região Sudeste
Meu estado é o Espírito Santo
Tenho sete letras
Tenho praias lindas para visitar
Sou o oposto de "derrota"
Quem sou eu?

Respostas: Palmas, Macapá, Vitória.

Cruzadinha

Você é fera em biomas? Preencha as lacunas da cruzadinha:

1

2

3

4

5

1

2

3

4

5

- 1

Vivo no Cerrado, sou um animal que come formigas e tenho uma língua comprida. Que bicho eu sou?
- 2

Sou o maior bioma do Brasil, ocupando um território de mais de 4 milhões de km². Que bioma eu sou?
- 3

A Caatinga é o principal bioma da região Nordeste e eu sou uma das plantas que a representa. Que planta eu sou?
- 4

Sou um bioma predominante lá do Rio Grande do Sul, sabe quem sou?
- 5

Sou a maior planície de inundação do planeta e estou nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em que bioma estou?



Respostas: Tamanduá, Amazônia, Cacto, Pampa, Pantanal.

Escreva no mapa

Para te ajudar, os nomes e siglas dos estados e do Distrito Federal estão logo abaixo. Escreva no mapa as siglas dos Estados onde cada um se localiza!



- Acre (AC)

Alagoas (AL)

Amapá (AP)

Amazonas (AM)

Bahia (BA)

Ceará (CE)

Espírito Santo (ES)

Goiás (GO)

Maranhão (MA)

Mato Grosso (MT)

Mato Grosso do Sul (MS)

Minas Gerais (MG)

Pará (PA)

Paraíba (PB)

Paraná (PR)

Pernambuco (PE)

Piauí (PI)

Rio de Janeiro (RJ)

Rio Grande do Norte (RN)

Rio Grande do Sul (RS)
- Rondônia (RO)

Roraima (RR)

Santa Catarina (SC)

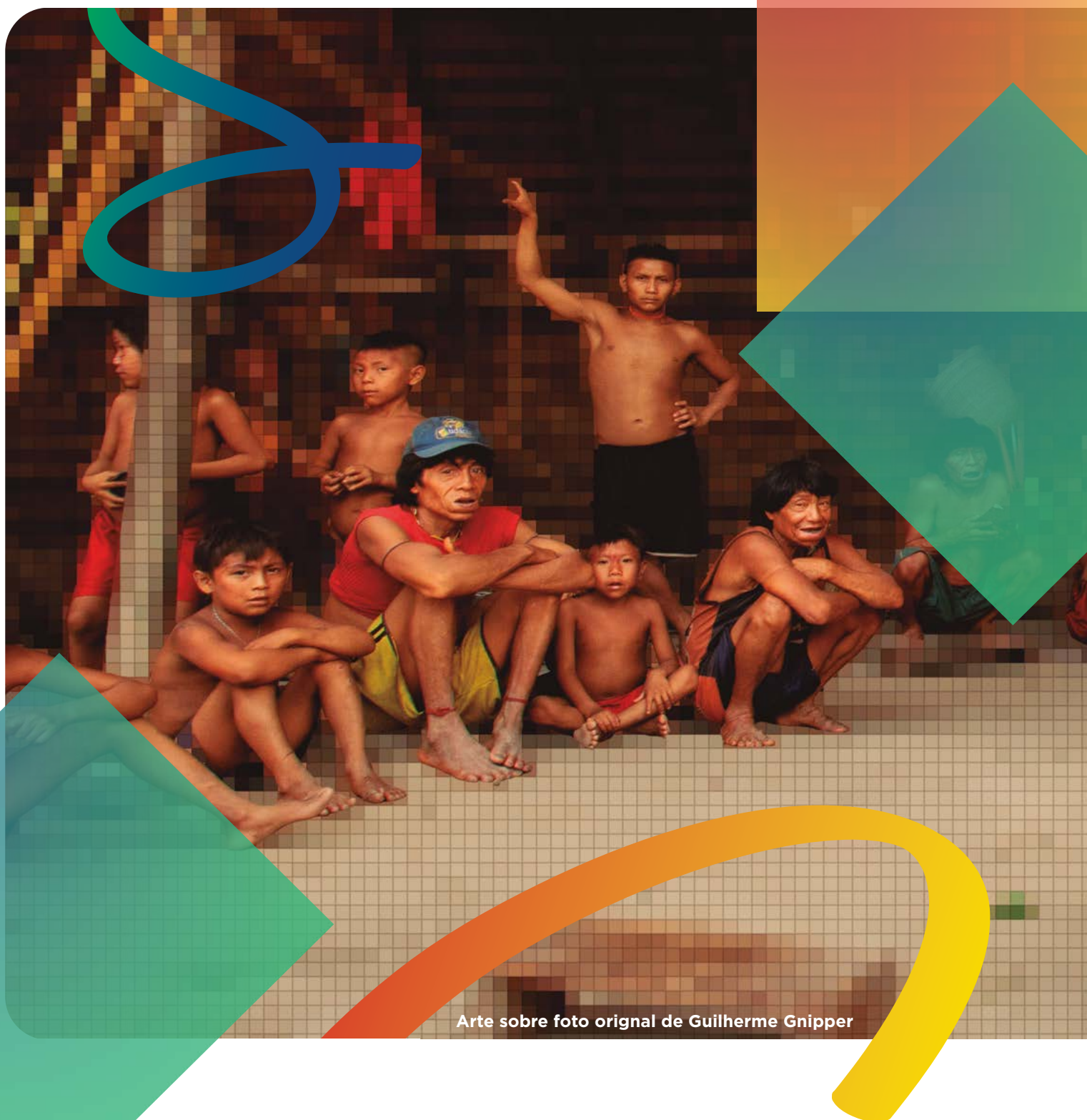
São Paulo (SP)

Sergipe (SE)

Tocantins (TO)

Distrito Federal (DF)





Arte sobre foto original de Guilherme Gnipper



Acesse o QR Code
e saiba mais sobre a
celebração dos 90
anos do IBGE